



0

ALABAMA



1871



G. H. B.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 75.^a

QUARTA-FEIRA 1.^o DE FEVEREIRO.

N. 747.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1.^o rs. por serie de 10 numeros; 5.^o rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*,
31 de janeiro de 1871.

Não houve expediente.

—Amanhan a imperial sociedade *Monte-Pio dos Artistas* solemnisa o seu 18.^o anniversario.

—Capitão, no dia 26 do passado reuniram-se em assembléa geral os membros da *Associação Typographica Bahiana*. Entrando em 3.^a discussão o projecto de estatutos foram approvados e remetidos ao governo da provincia.

Foi tambem approvada uma indicação do Sr. Joaquim Cassiano Hyppolito, pedindo que se inserisse na acta da sessão d'aquelle dia, em nome da assembléa, um voto de gratidão e pesar á memoria do finado typographo Domingos Francelino da Silva, um dos iniciadores da idéa da creação da Associação.

Em seguida procedeu-se a eleição de um thesoureiro interino, até que a sociedade esteja regularmente organizada e recabiu a escolha para esse cargo no Sr. Guilhermino Alvares da Costa Doria.

—Estou sciente.

—No ultimo *bond* que veio na segunda-feira de Itapagipe para a cidade, vieram muitas senhoras; chegando no largo do Papagaio, estava uma sucia de moleques estendidos em linha de atiradores. Ao passar o *bond* pela frente delles deram uma descarga de areia sobre a cara das senhoras que ahi vinham.

—Que desaforo!

Não é a primeira vez que isto acontece, e para o que já se chamou a attenção da policia.

—Pregava um padre, que occultamos o seu nome para não molestal-o, em uma das novenas do Senhor do Bomfim, e disse:

«O Senhor do Bomfim é uma gallinha, e nós somos os pintos que elle agasalha.»

—Que blasphemia!

Voltamos aos tempos dos antigos padres Bernardos.

—A sociedade philarmonica *Terpsychre* vae amanhan 2 de fevereiro em viagem de recreio a amena e aprasivel ilha de Itaparica.

A's 8 horas da manhan partirá do porto o vapor conduzindo a seu bordo essa phalange de moços que por amor se dedicam a arte sublime da musica.

—Um passa-tempo agradavel deve ser.

—O publico que anda tão sofrego de distracção deve concorrer a alegrar o espirito.

—Sexta-feira, dous carros da companhia de Vehiculos engancharam-se em Roma. Foi fortuna não ir ninguem nas plata-formas.

Só houve de prejuizo os estragos que soffreram os ditos.

—Antes isso.

—Censuravel e bem censuravel é o procedimento do Sr. capitão Carvalho da policia.

—Eu não quero saber da vida alheia.

—Então não me diga V. Ex. que está sempre prompto a pulverisar a prepotencia do forte contra o fraco.

—Mas aqui de que se trata?

—De uma violação da lei, de um ultraje a dignidade do homem.

—Ah, isso é vinho de outra pipa!

—Foi o Sr. capitão Carvalho, segundo me informam, que no dia 27 pelas 6 horas da tarde arrastou da forma ao soldado Antonio da Costa Neves e metteu-lhe a espada sem dô nem compaixão.

—Arre, que bravata!

—O homem ficou gravemente maltratado com um ferimento na testa, uma contusão no braço e outras em diversos logares; foi recolhido ao hospital lançando sangue.

—Isso é sobre-maneira reprehensivel.

—Consta que o Sr. capitão Carvalho desculpa se que o soldado estava ebrio.

—Tanto peor. O soldado ebrio podia faltar com seus deveres, desconhecer suas obri-

gações; mas o Sr. capitão Carvalho em seu juízo perfeito.... isso nunca.

—E' claro; fosse qual fosse a falta, desde que o capitão Carvalho não está authorisado a fazer justiça por suas mãos, commetteu um delicto punivel.

—Sendo a força policial destinada a manter a ordem, vedar os abusos, garantir a propriedade e prevenir o crime, é de essencial condição que aquelles que a compõe sejam individuos de conducta insuspeita, respeitadores da lei e ordeiros.

Mas desde que os subalternos veem nos membros superiores dessa corporação a aberração da lei, a infracção da disciplina, o menoscabo a justiça, é natural que elles se apartem dos limites que o regulamento do corpo prescreve.

—Atraz da vela grande, ferra-se o traquete.

—Para ser official de policia é preciso ter muita circumspecção e prudencia.

Soldado não é escravo de engenho, nem official feitor.

E' preciso medir o alcance e calcular as consequencias de aviltar a um homem brioso publicamente.

—Muxingueiro, vae agarrar aquelle assassino!

—Quem, capitão?

—Aquelle ruim vaso que vês descendo já lá no fim, a ladeira da Doença.

—Eim, capitão! Um individuo de semblante tão candido e V. Ex. o inculpa como um malvado!

—De candido não tem nada; nem em grau diminutivo!

Aquelle homem é um perverso. E' author de duas mortes.

—Jesus, José e Maria!... E anda livremente entre a gente?

—E' porque a justiça em Latronopolis só pune os crimes commettidos á luz do sol, é porque atrocidades espantosas passam encoberdas nas dobras do mysterio; é porque a policia nesta terra só descobre o que todos sabem, e só sabe o que ninguém ignora; não segue o rastro do crime, não vae perseguir o criminoso que sabe pratical-o nos escondrijos; por isso é que para elle não tem applicação as penas dos arts. 196 e 199 do codigo criminal brasileiro.

—Pelo molde da mascara não parece! Olhando-se a crosta ninguém dirá que pertence a um mollusco tão venenoso!

—Repararias accaso quando aqui passamos, ha oito dias, um enterro que sabia d'aquella casa?

—Passa-me pela lembrança.

—Era o de uma rapariga de 14 annos quem o desalmado seduziu e deshonorou com promessas de casamento. Depois de conseguido o nefando intento, teve o despejo de trazer a amasia para ao pé da victima, a fim de desilludil-a em suas fagueiras esperanças. Communicando lhe esta que se achava grávida e vendo elle que desta collisão lhe podia resultar compromettimento, proporcionou-lhe bebidas venenosas para abortar. Essas bebidas produziram duplo effeito; mataram o filho e a mãe.

—Odioso homem... repulsiva creatural!

—O facto foi notoriamente commentado, mas a policia não se mecheu em assumpto tão grave.

—Imperdoavel inercia, quando a lei manda punir aos que assim praticam!...

—Mas a lei em Latronopolis é palavra sem sentido.

—O quartel da policia mudou-se em casa de Correccão?

—Que pergunta sem assumpto!

—Desassuntado anda V.! Eu não tenho culpa de mudarem a essencia das cousas.

—Que mudança viu V., não me dirá?

—Eu sempre vi quem tem seu escravo e pretende castigal-o mandar para a Correccão.

—E não é assim?

—Ahi é que vae seu engano. No dia 21 um senhor que quiz castigar o escravo mandou fazel-o no quartel da Mouraria; representando o papel de carrascos dous soldados.

—Isso é peta sua.

—Ah, não quer acreditar, não creia.

Tome porém mais esta para seu caderno. Dias depois o mesmo escravo sendo excessivamente castigado, foi atirar-se no dique, o que não realison porque o Evaristo das bolas o impediu.

—Olhe que V. é um almanak de noticias.

A PEDIDO

—Somente por um descuido no appello feito pelo Sr. Gularte aos seus collegas escriptores de paz, publicado no *Diario*, sahio impressa a palavra *invariabilidade*, em lugar de—variabilidade.

A pessoa que achou nisso motivo para commento veja se acceita a razão.

« —Quando fallar comigo tire o chapéu da cabeça.»

—Dá-se mais desfructavel fatuidade!

—E é um homem que occupa cargo importante na sociedade quem assim procedo publicamente com outro que, embora diffira

em posição, omtudo é no mais seu semelhante!

—E creia-se nesta terra na egualdade a-pregoadá pela lei, quando um homem que ao menos pela idade devia ter alguma reflexão, exige inconsideradamente que um seu egual lhe falle de chapéu na mão, no meio da rua, somente porque no cargo que occupa lhe é subalterno!

Ora cebo para tão fôfa aristocracia!

—Que bobage!

—Ora, Sr. Gavêta, deixe-se disso, que é vicio.

Escute:

Nesta terra americana onde não existem *lords*, nem *fidalgos*, nem *dons de jure*, não é certamente a mais propria para nella desco-nhecer-se que o genero humano procede exclusivamente de Adão e Eva e que, portanto, outra distincção jamais se pode nella admit-tir que não seja a ditada pela boa razão.

—Quanta insolencia!... quanto desaforo!...

—Quem é este desalmado?

—E' o Gustavo, escravo de uma viuva.

—Não diga. Pois escravo com casa de ne-gocio!

Não é o dono deste botequim?

—E'; a senhora deu-lhe o fundo da roça, aqui na Victoria, para deitar o botequim.

—E o demonio embebedou se hoje, ou finge que está bebado para desrespeitar aos passa-geiros dos *bonds* que aqui chegam, levando a audacia a desrespeitar as senhoras!

—Ameaçando e promettendo bofetadas a quem se apresentar para tomar-lhe satisfa-ção! E' muito desavergonhamento!

—Ousadias! ousadias!

—Eu sou quem lhe promette ir á re-partição fiscal saber si este cachorrão tem pago os direitos para ter botequim; si não ti-ver, pedirei ao digno chefe que mande cobrar da senhora, em recompensa da ousadia que dá ao seu atrevido escravo para offender a todos sem distincção.

—Sr. capitão do *Alabama*, sou uma mulher pobre.

—Não da graça de Deus; elle a queira fa-vorecer.

—Não venho pedir esmola, Sr., venho im-plorar justiça.

—Aconselho-lhe que dirija-se ao presidente da provincia ou ao chefe de policia; são elles quem lh'a podem administrar plena e satis-factoriamente.

—Mas eu ja disse a V. Ex. que sou pobre como Job. Não tenho dinheiro para gastar com estampilhas, requerimentos, procuradores e

esse nunca acabar de requisitos da justiça que não se faz sem dinheiro.

—Eu apenas posso lhe ser util ouvindo a sua queixa e levando-a ao conhecimento das authoridades competentes.

—Portanto, diga-me, de que se queixa?

—De um individuo que prostituiu minha irmanzinha Paulina, menor de 13 annos.

—Defloramentos e mais defloramentos!

Que caudalosa torrente de depravação vac inundando os costumes desta sociedade!

Quem é o perversor?

—Um individuo, Sr., sem moral e sem ho-nestidade, um diplomata de tira-pé e serol, um exquisito que *bota livella de prata* nos sa-patos.

—Bem; e como pode elle conseguir des-virginar sua irmanzinha, de que meios se ser-viu para levar ao fim seu criminoso intento?

—Pediui m'a para entrar em um baile pas-toral.

—Entendem Vms. que não é nada entre-garem suas filhas, suas irmans a qualquer individuo para bailes pastoris!... Não medem o alcance das consequencias. Não sabem que elles são origem da perdição de tantas jovens; não veem que todo menino creado em presepe torna-se corrompido; os exemplos não lhes servem de escarmento! Agora, veja a senhora e chore na cama que é logar quente.

—Mas, Sr., o homem instou, protestou, affiançou-me e responsabilisou-se por minha irman e eu cedi. Depois ella é tão creanca, que eu nunca suppuz que o malvado fosse ca-paz de abusar!

—Ora! quem tem sua natureza desregada attende lá a consideração.

—O monstro enganou a, prometteu-lhe que 2:000\$ rs. que tinha na *caixa* eram para seu dote. Agora é ella mesma quem confessa o mal que lhe fizera a hyena.

—Pois tome meu conselho. Vá ao respecti-vo subdelegado, conte-lhe o que ha passado, peça-lhe que interrogue a offendida, que man-de proceder a um exame, si for preciso, e as-sim chegando ao conhecimento do delicto, faça justiça.

—Capitão, estou encafifado.

—Quem lhe zangou?

—Estou arreliado com as melurias de uma tagarella; uma especie de *rosa* murcha que já perdeu a fragancia e quer readquiril-a a força de espirito de *lima*, porém não conseguinda *silva* agudamente como uma serpente vene-nosa quando está assanhada.

—Não vale a pena enfadar-se por tão pouco.

—V. Ex. não sabe o que ha.

Pois essa *cainana* não se conspira contra todos que não lhe dão importancia?

Fazenda desusada quer por força passar por estar na moda, quando apenas pode servir para uso de alguma *jabiraca*.

V. Ex. bem sabe que laranja na estrada ou é azeda ou tem casa de marimbondo nella.

—Que mais?

—Fazenda refugada ou está mofada ou sahiu fóra do uso.

—Assim é.

—Já vê V. Ex. que, quem tem obrigações para cuidar pouco se lhe dá que, uma *rosa* perca o cheiro e que a essencia de *lima* seja insufficiente para lhe reanimar o viço.

—De certo.

—E é bem esusado andar essa jararaca de quem não é culpado de suas desventuras.

—Conversa cumprida faz quem quer.

Cousas que não adiantam não me servem. Dê licença que eu vou até a *rua* por onde passam as *princezas* tractar negocio de mais interesse.

—Pois então me espere na porta da casa, que tem o numero das virtudes theologaes, que subiremos para o tercciro andar e lá lhe contarei o resto.

—Na madrugada de 5 de janeiro foi assaltada a casa de Francisca Maria da Conceição Neves, á ladeira da Praça, por um individuo que conseguindo ahi penetrar e encontrando-a só, pretendeu obrigar-a por meio de força a prestar-se a um acto deshonesto.

Houve lucta tenaz e desesperada; mas as forças de uma fraca mulher não são para egualar-se com a de um homem. Principalmente um individuo desvairado pela cegueira de um apetite desordenado que o fazia empregar todos os esforços a semelhança do animal carnívoro quando se lança sobre a presa para devoral-a.

De tão desegual lucta resultou que, recebesse a aggredda diversos ferimentos, o que não foi bastante para conter o aggressor em seu desvario, e pelo contrario, á vista do sangue que corria, mais encarniçado se tornava elle para cevar seus instinctos torpes.

—Como se pratica um attentado de tal ordem dentro de uma cidade como esta!

—Dous officiaes da armada, que o accaso permittiu que passassem, correram em auxilio da offendida e neste acto conseguiu o aggressor escapar-se.

Levado o facto ao conhecimento da authoridade competente, instaurou-se o processo e tem elle tido sua marcha regular.

O crime está provado exuberantemente, e o

attentado é de ordem tão grave que não de- ficar impune.

Do digno julgador a quem está affecto causa tem-se plena confiança de que a justiça será desaggravada.

Mas, agora, dizem, surgem algumas *conspirações* com o fim de entorpecer o processo e crear certas nullidades, brecha por onde possa escapular o delinquente, em razão de não ter sido possível obter uma concordat eom a offendida.

Para este ponto é preciso chamar a attenção do integerrimo juiz que tem de julgar causa e pedir ao mesmo tempo a protecção da lei para o lado fraco e soffredor.

—E tenha fé que ha de ser como V. pede

ANNUNCIOS.

Monte-Pio dos Artifices.

De ordem do conselho administrativo convocado aos Srs. socios a reunirem-se em assemblea geral ordinaria, hoje ás 6 horas da tarde, afim de discutirem o relatorio do 4.º trimestre e o respectivo parecer da commissão de contas. Bahia 1.º de fevereiro de 1871.—O 1.º secretario, Miguel dos Anjos d'Almeida Villarouca.

Gratifica-se com 10\$ rs. a quem levar rua do Alvo, n. 38, um cachorrinho branco felpudo, desaparecido na vespera de Reis com os signaes seguintes: cabellos crescidos e annelados, cauda tambem felpuda e enroscada para o lado esquerdo, com os quatro pés e focinho aparados, tendo foveira a cavidade do olho direito, sendo este um pouco mais d'apertado que o esquerdo, a ponta do focinho vermelha, acudindo pelo nome de Traquino.

Ama de cosinha.

No sobrado ao largo do Terreiro, defronte da loja do Sr. Seraphim, precisa-se de uma que saiba cosinhar, e gomar bem.

Pede-se ao tenente Tristonho, o qual no quartel é mestre, o favor de vir ao logar da Cruz grande, do Santo Seraphico, n.º 15 pagar a quantia de 24\$460 rs., importancia dos doces que se comeu no brodio de seu casorio.

Aula Primaria.

O professor Candido Ricardo de Sant'Anna declara aos Srs. paes de familia, que a sua aula de primeiras letras, defronte da matriz de S. Pedro, achia-se aberta desde o dia 9.º do corrente mez.

Bahia 11 de janeiro de 1871.

Typ. de Marques, Aristides e C.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 75.^a

SABBADO 4 DE FEVEREIRO.

N. 748.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1\$ rs. por serie de 10 numero; 5\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latroopolis, bordo do *Alabama*, 3 de fevereiro de 1871.

Officio á Illma. camara municipal, pedindo-lhe que obrigue ao Sr. João José de Magalhães a demolir seu sobrado á rua Direita de Santo Antônio. o qual, pelo seu estado de ruina, ameaça desabar. Espera-se que a Illma. será sollicita em providenciar, attendendo não só ao imminente risco que corre o publico, como ao constante sobresalto em que vive a vizinhança.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, communicando-lhe que corre pela voz publica que o africano Antão, afamado feiticeiro, com candomblé á Quinta das Beatas, no dia 30 do passado induzira o crioulo livre Diogo á ir á sua casa á rua dos Carvões, e abi, por meio de força, conseguiu amordaçal-o, amaral-o a um moirão no quintal e chicoteal-o, do que ha visiveis provas no corpo do offendido, e como tão criminoso facto até a presente data esteja impune, leva-se ao conhecimento de S. S. para que se digne de mandar syndical-o e proceder a punição do delinquente, caso seja elle real.

—Ao Illm. Sr. subdelegado de S. Pedro, communicando-lhe que a bordo deste navio compareceu a mãe do crioulinho menor José, queixando-se de que tendo sido entregue seu filho ao portuguez Domingos, morador aos Barrís, para aprender o officio de pedreiro, teve ella ultimamente noticia de que havia desapparecido ha cerca de um mez; procurando o mestre do mesmo para lhe esclarecer sobre o destino que tivera, não lhe soube este dar definição satisfactoria, pelo que cumpre que S. S. tome a si este negocio e empregue a sua costumada diligencia, afim de descobrir onde pára o desapparecido, já que o mestre não teve pressa em communicar aos seus uma ausencia tão prolongada.

—No Poço de Itapagipe afogou-se um menino.

Brincando á roda de uma cisterna cahiu nella.

—Malfadado!

—O facto occorreu na quinta-feira nas proximidades da casa do Sr. Chiappe.

—Amanhan no Rio Vermelho ha bando annunciando os festejos que se preparam a inclyta Sant'Anna, Mãe da Mãe de Deus.

—Capitão, no sabbado á noite, o portuguez dono da venda *Flor d'Aurora*, á ladeira de S. Bento, deu tamanha bofetada em um menino, que arrekontou-lhe o *beque de proa*, ficando a creança além d'isso com um olho completamente deforme.

O povo reuniu-se na porta da venda e exigiu a prisão do portuguez; mas o Sr. Antero dos Santos Marques, inculcando-se de inspector de quarteirão, quando de ha muito se acha demittido, entendeu que o portuguez não devia ser preso.

Neste interim, compareceu um soldado de policia, que serve de guarda aos açougues de S. Bento, e lambem foi da mesma opinião do Sr. Antero, dizendo que os moleques estavam muito insolentes, e que aquillo serviria de exemplo para os outros.

—E não foi o portuguez preso.

—Foi; não por causa da policia, mas pela exigencia do povo!

—Que terra, meu Deus!

De maneira que o portuguez ficaria impune, si o povo não intervem.

—E é assim tudo.

—O Sr. Livio Manuel dos Santos Vital participa-nos que desta data em diante deixa de ser edictor desta folha.

E apresenta as razões que tem para isso, as quaes são muito attendiveis.

O homem declara que cede a pressão de uma imposição para que não continue.

Paciencia. Faça essa mão que maneja oc-

culta tudo quanto quizer e poder. Não ha de ser ainda por isso que o humilde periodico cessará sua existencia.

—Não é por morrer um carangueijo que o mangue cobre-se de luto.

—O Sr. Vital está no caso do pote de cantareira, felizmente.

—Por havermos chegado neste momento de fora, não podemos dar a conveniente resposta ao author da publicação do *Diario da Bahia*, de quinta feira 2 do corrente, que tem por assignatura o *Bernardo*.

—Não se afflija; deixe para o numero seguinte.

—As gazetas diarias publicam de vez em quando pedacinhos de dar no gôto. Cousas que põe a gente a nadar em secco.

E que, para quem não está prevenido, passam desaperecidas.

—Daquellas que—no correr do cavallo não se vê o cavalleiro.

—O *Jornal da Bahia*, por exemplo, no dia 1.º de fevereiro, deu aos seus leitores a seguinte curiosa noticia:

«NAVEGAÇÃO COSTEIRA.—Pela inspecção do arsenal de marinha foram vistoriados e julgados aptos para navegar durante o corrente mez os seguintes vapores:—*Aracajú, Penedo, Dous de Julho, S. Francisco, Santo Antonio, Boa-Viagem, União I., União II., Dantas, Jequitinhonha, Santa Cruz, S. SALVADOR, etc.*»

—E' de praxe.

—Justamente porém no dia 1.º de fevereiro entrou neste porto o *S. Salvador* de sua viagem redonda, onde seguramente demorou-se uns 15 dias.

Ponho-me eu agora a parafuzar com meus bolões—como e quando foi feita essa vistoria no vapor *S. Salvador*, si elle estava ausente ha muitos dias?

—V. não entende de nautica, portanto cale-se.

—Credo em cruz! Eu te arrenego da parte de Deus e da Virgem Maria!

—Homem, V. está com honras de mulher de capona?

—Estou assombrado!... Arruda e salsa!

—Que espanto é esse?

—Olhe o diabo, com cara de homem e cauda de bicho, surgindo ali do abysmo!....

—V. perdeu o juizo? Não vê que é o alampador de canos aqui da Estrada Nova que está em seu trabalho?

—Ah... Agora estou mais tranquillo. Mas este homem nú em pello, assim no meio da rua, passando tanta gente... e as familias

chegando ás janellas para ver tão deshonesto espectáculo!...

—Isto agora é caso defronte; quem não quizer ver as obras da natureza feche os olhos.

—O *Alabama* agradece ao Sr. B.... Francisco dos Anjos as amabilidades que emittiu a seu respeito, á bordo do vapor *Rio Vermelho*, na viagem de Itaparica.

—Dizem que ha um contracto pelo qual certa companhia se obriga a supprir com luz de gaz a luz do dia nas horas de ausencia desta.

Em compensação, recebe tal companhia dos cofres publicos uma avultada somma.

Mas si tal contracto existe é profana lo.

Porque sendo quatro horas e meia da manhan as trevas da noite assenhoream-se inteiramente da cidade e as ruas são envoltas em negra escuridão.

—Nos logares mais distantes, ás quatro horas já não ha illuminação.

—De sorte que, quem a semelhante hora tem necessidade de pôr pé na rua acha-se em completo cahos!

—Ninguem mais madrugadeira do que a companhia do gaz!

Com geito e cuspo conseguiu estabelecer definitivamente a illuminação até a hora que bem lhe pareceu.

—Mas si pelo lado da outra parte contractante existem inspectores, fiscaes, etc., para examinarem o cumprimento do contracto, porque não se ha de fazer sentir á referida companhia que neste clima americano somente ás cinco horas e meia da manhan é que assomam os primeiros raios da luz diurna?

—Porque somente o povo é a parte soffredora neste negocio.

—Capitão, eu sei que V. Ex. não se nega a ouvir aquelles que soffrem.

—Diga o que quer.

—Fui ao quartel do forte de S. Pedro receber uma conta do Sr. alferes Queiroz, no dia quarta-feira; pedi licença ao sargento da guarda e este disse-me que sem duvida era dinheiro que ia ver; respondi-lhe que sim.

Perguntou-me si era alguma prostituta á quem eu tinha alcovitado que mandava receber, ou si era a paga de algum acto ignobil a que eu mesmo me tinha prestado.

Esta ultima parte elle pronunciou em termos bem claros.

Repliquei-lhe que elle devia ser mais comedido e tratar bem a quem ali ia.

O exemplar militar puchou de seu reflexo e mostrou-m'o, dizendo que com elle é que sabia tratar bem.

Passei adiante o fui ter com o alferes a quem apresentei a conta; mas em sua presença appareceu o sargento ameaçando-me de metter-me os pés, isto porque ao vel-o, queixei-me a seu superior do desacato que me fizera.

—E que disse o alferes?

—Que tivesse paciencia, que aquelle homem era muito esquentado do genio.

—Já o Sr. vê por ahí que não sou eu que tenho poder para abrandar-lhe o genio.

—O hospital de charidade da Bahia é a inversão completa do que são essas instituições humanitarias!

—As irmans de charidade que lhe respondam.

—Os hospitaes de charidade têm por fim receber doentes necessitados; o estabelecimento dirigido nesta terra pelas filhas de S. Vicente de Paula despede aos que estão nesta condição!

Vi hontem um enfermo que as irmans de charidade despediram por são que fazia lastima! As pernas e pés estavam cobertas de chagas, as quaes faziam extraordinaria supuração de pus e moviam-se com difficuldade.

Entretanto, um homem nesse lastimavel estado, manda-se que saia porque está bom!

—E' a proverbial charidade das irmans de charidade.

—Na quinta-feira, deu a philarmónica *Terpsychore* o seu annunciado passeio á ilha de Itaparica.

O vapor partiu ás nove horas e um quarto da ponte da Companhia Bahiana.

Durante o trajecto a philarmonica tocou seis escolhidas peças do seu repertorio musical.

A's dez horas e tres quartos fundeava o vapor no porto d'aquella ilha.

A's seis horas da tarde regressou com os passeantes, chegando nesta cidade ás sete horas e meia da noite.

—E a respeito de desordens que sempre apparecem nestas funcções?

—Nada houve; reinou tudo na melhor harmonia, a excepção de um outro que tomou o codorio demasiadamente, tornando-se por isso imprudente.

Ahl ia me esquecendo.

O Sr. Mesquita na volta indo n'uma canoa para se embarcar no vapor, não sei que arte fez que cahiu n'agua, tomando assim um banho.

—Bagatellas!

—A philarmonica *Terpsychore* é credora de elogios pela maneira porque tem sabido manter a boa ordem nos seus passeios.

A PEDIDO

—Capitão!

—Que é lá?...

—Uma historia immensa.

—E' por Cantú?

—Qual Cantú, capitão! E' uma historia que tenho para narrar-lhe.

—Leva muito tempo?

—Pouco; uns dez minutos.

—Seiscentos segundos... Vamos a ella.

—La vae:

Um certo panerassio, que por modestia lhe calo o nome, mas que no negocio é de consciencia á toda a prova; gosta extraordinariamente de romances.

—Pedia-lhe algum emprestado?

—Não, capitão. Digo que elle gosta muito de romances, mas não porque de facto eu saiba disso; digo-o, porque a julgar pelas gigantescas aspirações desse melro, advinha-se á primeira vista que n'aquelle craneo ferve um Vesuvio de tollice; que naquelle peito... lavra o mais vivo fogo de... gelo; que, em fim, naquella figura de galan de... comedia,—está um novo...

—Chateaubriand!

—Que, capitão! Um novo D. Quixote, sem Dulcinéa Del Toboso, bem digno de um novo Saavedra!

—Então, diga antes um D. Magriço, um cavalleiro andante, um...

—Pois seja; mas elle nunca foi da terra de Camões á pé para a Inglaterra...

Esse individuo de quem trato, talvez em virtude de algum lindo lance de romance, teve a beatifica tollice de se querer casar com uma joven que tivesse materia em que elle podesse mostrar o quanto comprehendia a arithmetica de Bezout, sciencia que lhe diminue um pouco a immensidade de asneiras. Em consequencia pois de taes pretensões,—eil-o ponto em branco, armado de anzol sem isca, a querer pescar em mares altos.

Quando julgou ter anzolado uma certa dama, (já se sabe —rica—) zás! pede-a ao pae.

—E o pae que respondeu?

—Com mil bombardas, capitão! Pois que poderia responder-lhe o pae? Quiz largar-lhe na cara uma estrondosa gargalhada, porém conteve-se como pessoa delicada, respondendo-lhe que ia consultar a filha, e foi realmente consultal-a.

Ella, porém, perdida por entre as dobras da mais solemne gargalhada, respondeu que ja o papae podia ter dado a resposta.

«Não, filha,» volveu-lhe o amoroso e suave pae, «desde o momento de teu pri-

meiro hymeneu, que és senhora da tua vontade.»

«Pois a minha vontade, queira dizer a elle, é não querer ter por enteados creaturinhas cõr da noite; e mais ainda: não me serve marido que escreve *Vaz com—s—* e *sellos com—c—* pois são lettras essas da minha particular antipathia por que significam enorme parvoice.»

Veja que palerma, meu capitão. Porque a moça tem dinheiro a rodo, vae pedil a sem saber si ella acccita ou não!

—Mas elle não é bonito.

—Oh! la isso é. Tem um todo que se harmonisa ás mil maravilhas com a cabelleira immensa de capocira de que usa.

—E' so isso?

—Ainda ha mais: desesperado por ter tido tão galante e amorosa resposta, dada pela deidade que lhe fazia andar os miolos á roda, (com os calculos), cil-o que apesar disso em pouco tempo se esquece de tão eloquente lição, e vae bater ainda em outra porta desejando aos visitados *feliz viagem*, etc. etc.

Nessa outra casa, meu valente capitão, o nosso sonhador de aureas cores, — encontra fazenda fina, digna de um Romeu de Shakspear, por cujo tumulo ja talvez ella tenha passado...

Ora vaê, sinão quando, esse querido *Vas*, com os competentes *sellos* escreve-lhe uma cartinha: amarrotta-a, faz d'ella uma bollinha, e fazendo elle mesmo de *correio*, a *viz à viz* — entrega-lhe-a!

A nossa Julieta recebe pois essa cataplasma que ressende a rosmaninho. essencia que lhe hia produzindo um ataque de nervos, e passando a lêr essa interessante e topographica cartinha, conheceu logo que o tal homem era na verdade um grande marujo no mar da asneira, pois quasi tomava uma prodigiosa indigestão, produzida pela leitura de tão crassos termos, de tão jucunda veia epistolar.

Apenas concluida a leitura, a joven linda telegraphou esta novidade ás suas amigas, e eis que todas lhe aconselham uma solemne disforra. De facto: um bello e fresco dia (não chovia), a nossa joven, cara a cara com o tal Adonis, foi indo devagarinho pela maciota, divertindo-se á custa d'elle, até que chegou ao ponto essencial: «Só si é,» lhe diz ella, «por causa do dinheiro, que o senhor diz amar-me».

«Oh! berrou o tal palerma: «Nem pense n'isso, querida senhora! Este—amor que com vehemencia-lhe consagro, não é amor de um dia,—é amor d'um anno» «Embora Sr.,» volveu-lhe ella; «tenho muito amor ao celibato, e pois não desejo casar-me por em

quanto. Sinto deveras não poder fazer com que o rio das Tripas lhe passe pelo coração, pois assim de certo se apagaria o fogo intenso que o Sr. diz lá ter por mim.....»

—Concluiu?!

—Ainda houveram muitas outras cousas interessantes, meu capitão... Mas... para que apita, capitão??

—Apito pelo gageiro grande. Vaes 3 dias para o galope do mastro, e por 15 para o porão, pois quero vêr, meu grandissimo mariola si te corrijo de tão errõnea maneira de pensar. Si não tivesses mulher e filhos que sustentarem seriam 30 dias em vez de 15. Pois, com mil raies! por que o tal homem tem coração; por que é sensível; por que ama uma moça rica... aqui de El-Rei, que é tolo, que é lorpa, que... que... Com mil demonios! com a breca! has de ser castigado!

—Mas, capitão... eu... não digo isso... Si elle fosse intelligente; si tivesse coração capaz de comprehender essa moça, capaz de sentir e comprehender a vehemencia d'um amor.....

—Safa d'ahi! guelas de jacaré! Qualquer de meus mais rudes marinheiros, tem peito para amar como um Petrarcha!

—Oh! meu capitão! Quem só conhece a prosa, por modo algum pode comprehender a sublime poesia de Anacreonte.

—Sciô!... Sr. mariola, nem mais um pio! Então o pobre não pode casar com o rico?! Qual Anacreonte nem qual carapuça! Já para o galope do mastro! Leva a ribal!...

—Ai! capitão! eu vou... eu vou... Mas olhe, capitão! de cá d'estas alturas, hei de fazer o ratazana bem conhecido, porque hei de berrar com toda força d'estes pulmões; — Viva o D. Quixote! viva o lorpa!

—Sciô!... Sr. mariola! nem mais tugar nem mugir!

—Sim, sim, meu capitão; eu me calo, eu me calo... mas ai! que frio aqui faz!... Meu capitão... mande-me comprar um capote na loja consciencia.....

Movimento do Porto.

Entrou do porto do Rio o patacho nacional *D. Jacintho*, de trinta e seis a quarenta toneladas, e que lá encalhara pelo grande carregamento; apenas poudo *estancar* o *beque de prõa* a fim de poder voltar ao porto de *Latronopolis*, onde julgaram não poder elle *mais navegar*. Este navio já se acha reparado de sua *avaria* e no caso receber carregamento; para o que tracta-se com os consignatarios *Thomaz Beato, Jacintho & C.^a*, no escriptorio a rua de *S. Nonato*.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 75.^a

QUARTA-FEIRA 8 DE FEVEREIRO.

Ns. 749—750.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1\$ rs. por serie de 10 numero; 5\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.

PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 7 de fevereiro de 1871.

Officio ao Illm. Sr. Dr. inspector da saude publica, convidando-o a passar pela Estrada Nova, entre a nova ladeira de Sant'Anna e o Caminho Novo, afim de observar o pertinaz e quotidiano abuso do agente do aceio publico em fazer fogueiras para queimar a immundicie que apanha na cidade, com o fim especulativo de livrar-se ao trabalho de ir deital-a no lugar conveniente.

Semelhante negligencia seria desculpavel si não fosse nociva á salubridade pela insupportavel e nauseabunda exhalação que desprende o fumo das referidas fogueiras, o qual não só incommoda a quem transita, como a quem mora nas proximidades; pelo que espera-se que S. S. julgando attendiveis as razões expostas procure por meio da jurisdicção á que seu cargo lhe dá direito, fazer que cesse semelhante irregularidade em beneficio de um e prejuizo de tantos.

—Ao Illm. Sr. subdelegado de Santo Antonio, dizendo-lhe que á falta de correctivo reclamado contra a baderna de meninos que se ajuntam nos Curraes Velhos e Barbalho, continuam elles a pintar artes do capêta. No domingo, 29 de janeiro, depois do jogo do buzio, houve guerra de pedras e ficaram os vidros de alguns lampeões em migalhas.

Espera-se que S. S. não nos dará o pesar de incommodal-o outra vez á respeito.

—Capitão, ha factos de tão supremo requinte de maldade, ennegrecidos de circumstancias tão odiosas que parece impossivel que haja ser humano que os pratique.

O que venho relatar a V. Ex. é o parto da mais torpe lubricidade, o effeito da moral mais depravada e corrompida; um attentado que, na minha opinião, toda acção da lei é impotente para punir, porque é d'aquelles que a

um tempo affrontam a moralidade, atacam a segurança individual, offendem o pudor e a honestidade e affectam o socego das familias.

—A julgar pelo que V. diz, deve ser cousa importante. Mas como no frigidar dos ovos é que eu costume ver a manteiga, vamos a ouvir.

—Hontem, 6, apresentou-se na policia, acompanhada por seu pae, a menina de 10 annos e 6 mezes Olympia Symphronia, que, na vespera á noite, havia sido brutalmente estuprada por Antonio Ferreira Muricy, caixeiro de uma barraca de carne secca pertencente a Antonio José de Souza Belens.

—Oh! que satyro!

—A tenra joven achava-se penosamente maltractada e offendida em estado de causar verdadeiramente dô!

O abutre para devorar a presa empregou as mais execrandas violencias!

A menina Olympia achava-se em casa da lera cerca de tres semanas, porque a mulher deste, D. Maria Pereira Muricy, a pedira á sua irman para lhe fazer companhia. Na noite de domingo sahio elle com a mulher, ficando a victima em casa com uma criancinha de peito.

Deixando a mulher aonde a levava, voltou á casa, arrollhou a bocca da creança, atou-lhe os braços, atirou-a com vertiginosa gana sobre o soalho e ahi consummou a obra da mais nefanda e sensual lascivial...

—Monstro, tres vezes monstro!

—Saciado o carnal intento, a fera voltou com cynica placidez a buscar a mulher para ir testemunhar a prova de sua depravação.

Entrando em casa a mulher encontrou a victima estendida, sem poder andar, com as carnes delaceradas, exgotando-se no sangue de sua honra, e a marca do crime impressa copiosamente no soalho da casa, indicio vehemente de tão perversa monstruosidade que ainda hoje está gravada no taboado, apesar de ter sido este lavado!

—Natureza degenerada!

—Causava lastima ver a innocente na oc-

câsião em que era interrogada na policia. Sem se poder sentar, sem poder andar, mal respondia as perguntas que lhe eram feitas, exausta como estava, desbotada, esvaindo-se em sangue e em continuados desmaios!

—E' preciso que a lei seja implacavel na punição de um crime de tal ordem, é preciso um exemplo severo que refreie a impudica avidez dos seductores. O contagio vae lavrando, os casos de estupro e rapto ultimamente tem-se desenvolvido espantosamente nesta cidade. E' preciso desaggravar a sociedade ultrajada por esse acto de estupenda malvadeza.

—O Dr. Dormund chamado para ver a offendida, receiando pelo estado desta, aconselhou que a mandassem para ser examinada no hospital.

—E o delinquento que V. não disse que fim levou?

—Até á noite eu sei que não estava preso, porque encontrei-o atravessando o becco do Viva Jesus.

—Si não se escamou foi porque não quiz; tempo teve e de sobra.

—Hoje, ás 6 horas da tarde, reunem se os socios do *Monte-Pio dos Artifices*, em assembléa geral, para discutirem o relatorio do 4.º trimestre e o respectivo parecer da commissão de contas.

—Ao entrar na casa de Correccão, os olhos do espectador são obrigados a contemplar um quadro que arranca d'alma uma expressão de commiseracão.

—Está tão sensibilizado assim?

—Um desgraçado louco ha ali cuja existencia é mais a de um animal do que de ser humano.

Vive peiado como cavallo que se solta á pastar e se tem receio de que fuja; uma corrente em cada perna unidas por uma argola embarga-lhe o caminhar; faz todas as precisões da vida no mesmo logar.

—Que viver!...

—Fizeram da Correccão casa de doudos sem as accommodações precisas; a necessidade obriga a que ali se reduza o homem á condição de bruto!...

—Aqui, fallar de qualquer abuso, é peor; parece que é motivo para elle não cessar.

—Parece não, é certo.

—Si é objecto de prejuizo para o publico, tanto melhor.

—E' até uma recommendação para augmentar.

—A estrada do Campo Santo é muito transitada e nos domingos ainda mais.

E á beira dessa estrada, no Rio de S. Pedro, quebra-se com polvora uma pedreira.

Por muitas vezes os fragmentos de pedra vão cahir em quem passa como uma advertencia do risco imminente que ha em semelhante systema. Já alguém foi offendido; tem se reclamado; mas não ha meio de fazer cessar uma pratica que pode ser fatal.

—Nem haverá.

—No domingo 29 do pp. passava um homem na occasião em que atacavam fogo á mina; migalhas de pedra vieram cahir-lhe nas costas e na copa do chapéu; foram leves fragmentos que não offenderam; mas assim não aconteceu dias depois que um enorme pedregulho de vinte e tantas libras, o qual se achava em poder do subdelegado, foi cahir á porta da vendola da Sra. D. Maria que com o susto teve uma syncope.

E si ahí houvesse alguém o que não aconteceria?

—Mas como o que tem de acontecer traz forza, talvez julguem desnecessario alguma medida preventiva.

—Amanha lava-se a capella da Senhora Sant'Anna no Rio-Vermelho para ter logar a sua festa no domingo 12 do corrente.

Durante o acto da lavagem, a musica do 14.º batalhão de infantaria, tocará escolhidas peças de seu repertorio.

Os encarregados da festividade, pedem a concurrencia dos fieis devotos.

—Estou sciente; pode mandar publicar.

—Houve combate no campo do Barbalho.

—Quem foram os combatentes?

—Os invalidos destacados, na fortaleza. Tiveram sandades do Paraguay e quizeram fazer um arremedo na quinta feira; dividiram-se em dous grupos e aggrederam-se.

—Eu ja sei o que foi isso. Os invalidos fizeram como os ratos que quando o gato não está em casa tomam conta della.

—Está bonito! O caixeiro do *bond* atirando pedradas!

—Tambem para que bolem com elle?

—V. agora é que quer cassuar com o rapaz, dando-lhe honras de saguim.

E depois, em quem bateu a pedra no rosto não foi que boliu com elle.

—E' o que V. quizer; mas por causa das duvidas si contar a alguém diga sempre que foi um caixeiro dos Trilhos Urbanos, depois do fogo da Victoria.

—Viu o bando no Rio Vermelho?

—Esteve regular; alem de algumas desor-

dens, o que houve de mais foi, segundo o boato que correu, certo individuo que mascarara tres escravos e mandara por elles insultar a um seu desaffecto, puchando um delles até uma faca de ponta.

—Si alguém na verdade fez isso, praticou uma acção triste.

—Capitão, domingo passei na Armação.

—Que não perdesse seu tempo é meu prazer.

—Apreciei uma festança.

—O tempo é proprio de festas. Embora todos queixem-se da falta de dinhieros, para divertimentos sempre ha.

—Sabe o que foi?

—V. dirá.

—Uma cerimonia usada naquellas paragens.

—Diga, que eu ignoro qual é.

—Dar o que comer a Mãe d'Agoa, para morrer muito chareu.

E' uma funcção que fazem annualmente, originada da crença arraigada n'aquella gente de que ha uma divindade que preside aos destinos da pesca do chareu, a qual se amua e torna-se adversa si não lhe dão todos os annos os costumados presentes.

—Não é melhor que vá torrar pipocas?

Penso que falla serio e sahe-se com superstições e nigromancias grosseiras.

—Estou contando o que vi. Uma grande boceta atopetada de fitas, flores, pentes, quilharias, cheiros, doces, comidas, vinhos, foi levada em procissão a certo logar a phantasiada sereia, e junto a um riacho d'agua doce sacrificaram-se bodes, patos, e um grande cesto de favas, para ella se mostrar benevola e fazer affluir os peixinhos ás rédes.

—Ha busões que, a religião condemna e a civilisação repelle.

A' fava devia ir V. e quem acredita nisso.

—Eu ja não me admiro que os pretos tenham dessas usanças quando vejo os brancos terem subida fé nellas.

—Os moleques pintaram o diabo na Estrada Nova, domingo.

—Eu vi. Foi nos fundos de S. Miguel.

—Quanta pedrada; quanta obscenidade!

—Eu não sei porque não se trata de acabar com esses ajuntamentos que são tão perniciosos.

—Eis-aqui um despacho que pode ser lacerado, sellado e guardado para servir de modelo a futuros presidentes:

«José Pedro da Cruz, soldado do corpo de policia, pedindo sua baixa e nomeação de

guarda da casa de prisão com trabalho.—As pessoas inutilizadas pelo grande esforço phisico não podem ser guardas.»

—Para quem aprecia carurú, não ha melhor passa-tempo.

—Não ha maior cegueira do que a d'aquelle que não quer ver!

E' o que succede com o homem do aceio; queria á poucos dias que lhe apontassem um logar onde não se fizesse o serviço da limpeza, quando elle proprio si prestasse um pouco de attenção, sem ir muito longe podia ver o estado immundo da Estrada Nova, desde a esquina do Caminho Novo até o proprio edificio do aceio!

—E o largo d'Ajuda tambem se varre? Si aquillo é aceio, diabos o leve.

—Este Sr. Antoninho da limpeza, alem de zombar do bom senso publico, ainda faz garbo de tanto escarneo.

—Mães que engeitem os filhos ha exemplos de sobra, filho porem que deite a mãe fora, é negocio mais custoso.

A razão não é porque o affecto filial seja em grau mais estremecido do que a ternura maternal; pelo contrario sendo condição da natureza humana o propender para o mal, é mui commum ver um filho retribuir com ingratição os carinhos e desvelos d'aquella que lhe deu o ser.

Mas é que o negocio se fia mais fino, pelo facto de uma mulher saber para onde a levam e onde a deitam; o que não acontece com uma criancinha que se carrega e larga-se em qualquer canto da rua, em uma portaria de egreja, na roda da Misericordia, etc.

—Corações degenerados são que fazem assim.

—Mas por controversia do que fica dito, eu conheço um sujeito que deitou a mãe fora.

—Forte reu de maldades!

—Sahiu com a mãe de casa, na freguezia de Brotas, no caminho chamou dous pretos com cadeira, metteu-a dentro da mesma e mandou que fossem seguindo na direcção que elle indicou, dizendo que se demorava um pouco, porem que em breve os ia encontrar.

Os pretos andaram um bom pedaço e nada do sujeito apparecer; a mulher não sabia caminho nem carreira, nem o destino que lhe queria dar o filho; por isso não pôde adiantar cousa que esclarecesse.

O cujo quando assim fez não foi de pateta; sabia que mandando os pretos seguir pela Estrada Nova teriam elles de passar pela porta de um parente da velha, e que a novidade do caso podia produzir algum effeito e assim foi. Os pretos, cansados, arrearam a cadeira. Per-

guntam aqui e ali; um chega para ver, outro olhá; a mulher declara quem era, e o caso estendeu-se a ponto que o parente tendo noticia não teve remedio sinão recolhel-a e está aguentando com a buxa.

—Me diga o nome desse desnaturado.

— Isso não; o proprio parente contou-me o facto, mas pediu me que não dissesse o nome a ninguem, por ora.

Os olhos.

Entre as innumeraveis perfeições que Deus colloca no corpo do homem são sem duvida os olhos uma das principaes.

Sim, os olhos, estes globos magicos ou espelhos magneticos, que tantos encantos apresentam no amplo theatro do pensamento! Alguns lhe chamam as janellas d'alma; nós lhes chamaremos as balanças da persuasão, porque, dizia S. Thomé—vêr para crer.

Os olhos apresentam muitas vezes em algumas pessoas o reverbero de um coração bom ou mau; são elles as sentinellas constantes que nos avisam os perigos que vem pela frente.

Os olhos tem luz sem terem fogo nem combustivel algum, os olhos fallam mudamente, os olhos finalmente gozam metade dos prazeres da vida. Isto é fallando geralmente sobre os olhos communs, principalmente sobre os olhos dos masculinos, bem como dos homens, bois, cavallos, etc.

Vamos agora tratar dos olhos femininos, das moças e das pombas.

Estes olhos, meus senhores, são os faroes do encanto, são as bandeiras dos batalhões dos amantes, as quaes elles entregam vida e fortuna; são as chaves da sympathia, as tarachas das paixões, as alavancas dos desejos, o chamariz dos beijos, o grude de Cupido; e quantas qualidades ha de olhos das amaveis pombas brasileiras? Ah! isto seria descripção para habil escriptor, e não para nós que não possuímos talento sufficiente para demonstrar tantas perfeições com exactidão! Apenas descreveremos alguns olhos que temos gozado ao perto.

Temos encontrado em certas meninas olhos mais valentes e mais poderosos que as balas de artilheria, e mais ligeiros que os raios. Entre estes, uns sympathicos e amorosos; outros angelicos e virtuosos; outros meigos e graciosos; outros honestos e tímidos; outros analiticos e caprichosos; outros ternos e saudosos; outros gaiatos e voluptuosos; outros em summa velhacos e mentirosos. E estes são temiveis, são ordinariamente furta-côres e enfeitados de velhacaria fina; choram quando querem, e alegam-se quando lhes convem.

Mas tudo isto fazem combinados com o pensamento, sem participarem ao coração; entretanto que os bons olhos são o verdadeiro balsamo da consolação. A mulher casada que tem bons olhos, com elles abranda o genio do marido, despe-lhe a ira, e anima-o a trabalhar.

Entre todos estes olhos, hontem tivemos o prazer de ver por accaso, de passagem, uns lindos olhos em uma formosa jovem que se achava em uma juella no Porto do Bomfim; desde esse feliz instante o nosso espirito ficou transtornado, mal fomos passando por ali a amavel menina atirou sobre nós uma lambdella de olhos tão subtil, tão electrica, que entramos a tremer, como quem tem convulsões agudas; o coração estufou-se dentro do nosso peito como uma pipoca, as ventas de nosso nariz entraram a sentir cheiros de rosas, cravos, alecrins, mangeronas e mangericões, as casas d'aquella rua pareceram doiradas com os raios resplandecentes de taes olhos. Apenas a moça fazia um volver de olhos, toda gente que então por ali passava cahia no chão estrebuchando de gosto por tal forma, que pareciam ter ataques de gota coral, e com effeito, taes olhos nunca vistos, taes olhos tão raros, taes olhos tão bem temperados pela mão de Deus tem o poder de daguerreotypo: imprimem na lamina do coração amante o verdadeiro retrato do objecto amado.

LÁ VAE VERBO.

—Do Bomfim a grande festa,
Capitão, vou descrever,
P'ra pintar tão bello quadro,
Eu sinto côres não ter.

Ao Senhor Deus do Universo
Eu fui contente adorar,
Me prostrando humildemente
Diante de seu altar.

Em ondas crescia o povo
Que ia a sua romagem,
Cada qual mais apressado
Do templo para a lavagem.

Nove noites de funcção
Com toda pompa e esplendor,
Em que alegres resoavam
Mil graças ao Creador.

Que não houvessem serinões,
Seria bom, capitão,
Porque hoje os pregadores
São os bobos da funcção.

Sobe um padrego ao pulpito
Para o riso provocar,
Dizendo asneiras tamanhas
De fazer arrepiar!

Um cujo ouvi eu dizer,
 Creia na palavra minha,
 Que nós eramos uns pintinhos
 E o Senhor uma gallinha!!

Não sendo o grande Raymundo,
 O Rodrigo e o Fiusa,
 E mais alguns que não digo,
 O resto já não se usa.

Porém basta de sermões,
 Descravamos o festim,
 E o que houve de notavel
 No delectoso Bomfim.

Duas musicas tocaram
 Lindas peças de encantar,
 E pelo largo se viam
 Bellas nymphas passear.

Outras sentadas na frente,
 Lá das casas dosromeiros,
 Os corações captivaram,
 Com seus olhares fagueiros.

Nestes dias venturosos
 De ver moças me fartei,
 E voltei p'ra minha casa
 Com os beijos que mamei.

Viram meus olhos porem
 Uma engraçada donzella,
 Que prendia os corações
 A sua cor de canella.

Bomfim, Guia e S. Gonçalo.
 Foram tres festas pomposas,
 Em que fragrantés brilharam
 Da existencia lindas rosas.

Teve sobeja razão
 O vate que disse assim:
 —«Desta Bahia o mais bello
 Dos sitios é o Bomfim.»

E o vasto Itapagipe,
 Refrigerio dos mortaes,
 E' elle o logar que escuta
 Minhas queixas e meus ais.

Agora que se findou
 De S. Gonçalo a funcção,
 Das moças teve despacho
 Cada uma petição.

Sahiram indeferidos
 Uns quatro requerimentos,
 Por falta de *estampilha*,
 não terem documentos.

Um d'entr'elles foi com vista
 Ao namorado desfructavel,
 O qual embargos deitou
 A um despacho favoravel.

Por ser muito presumpeosa
 A dona de outro pedido,
 E ter a *lingua* comprida,
 Levou um indeferido.

Cinco foram despachados
 Todos favoravelmente,
 E d'entre elles todos cinco
 Já e já teve um somente.

São cinco as moças, portanto,
 Das quaes os requerimentos
 Tiveram de S. Gonçalo
 Completos deferimentos.

A ellas meus parabens,
 Que Deus lhes dê boas sortes,
 Que vivam por muitos annos
 Ao lado de seus consortes.

A PEDIDO

— Capitão, escute isto:

Indo uma pessoa á casa do Sr. Nicolau do Café, receber uma pequena quantia, appareceu um crioulo aggregado do mesmo, que pelo traje e maneira porque se apresentou parecia ser escravo. Tratou grosseiramente ao portador e este retirou-se.

Dias depois encontrou o Sr. Nicolau do Café com a pessoa e perguntou-lhe porque não apparecia para receber a quantia.

«Não vou mais á sua casa, porque seu escravo tratou-me mal; quando o Sr. me encontrar na rua, dar-me-ha o importe, si quizer, foi a resposta.

Na sexta-feira, passando a referida pessoa pela Palma recebe um recado de que o Sr. Nicolau lhe mandava pedir que fosse á sua casa; ao chegar porem á porta, é abotoado e insultado pelo tal crioulo que se mostrava muito offendido por se lhe ter chamado escravo, quando era elle cabo de esquadra da guarda nacional de Santo Antonio.

— Ora, na guarda nacional existe a peor gente.

— E' incontestavel que foi Nicolau do Café quem insinuou a seu famulo para ir atacar ao homem, pois elle ignorava de certo o que este lhe dissera.

— E sendo assim obrou de maneira bem censuravel.

— O digno subdelegado de Sant'Auna, activo como é, logo que teve noticia do occorrido mandou ir á sua presença o aggressor e admoestou-o á não continuar.

O fim que ditam estas linhas é unicamente o esclarecimento da verdade.

No dia 2 do corrente, dous soldados de policia e o ordenança da subdelegacia da Sé apresentaram-se á porta de uma casa á Praça dos Veteranos e embargaram á sahida dos que nella estavam.

Oito individuos foram constringidos a pa-

gar illegalmente 100 rs., á pretexto de que se achavam na pratica de jogos prohibidos, o que é uma revoltante falsidade.

Não vae aqui censura ao digno subdelegado que se achava em-exercicio na occasião, o qual portou-se com reconhecida imparcialidade, mas permitta S. S. que se use de sincera franqueza. S. S. por ter pouca experiencia do exercicio do cargo, foi illudido em sua boa fé.

Chegando o Sr. subdelegado á casa referida não encontrou jogo nem indicio d'elle; os dois soldados affirmaram que não viram jogo e só o ordenança confirmou; mas como podia elle saber disso si não entrou no interior da casa, nem a lei semelhante cousa lhe permitia? A lei não admitte duvidas.

Admira que em uma freguezia onde ha authoridades superiores, soldados de policia se julguem competentes á pôr cerco em uma casa na qual não ha suspeitas de que se commettesse um crime e abuserem da boa fé e pouca pratica da authoridade para illudil-a a legalisar uma arbitrariedadel

O Sr. subdelegado reconheceu a injustiça de semelhante procedimento; mas um inspector de quarteirão que havia apparecido depois dos soldados de policia, declarou que nada tambem vira, mas uma vez que o ordenança affirmava, S. S. tiraria a *força moral*, d'elle inspector si nada fizesse.

Este facto e o de cercar-se uma casa sem conhecimento do respectivo subdelegado, o que importa uma falta de respeito, tendo elle sciencia depois do cerco effectuado está revelando qual foi o proposito que se teve.

—Capitão, venho pedir o seu auxilio.

—Creio que perde seu tempo.

—Como mais atilado do que eu, talvez que possa descobrir a solução de um problema.

—Para fazer-lhe a vontade vou ouvil-o.

—Consultando as leis da equidade eu não posso encontrar a razão plausivel de um facto que acaba de acontecer.

—Qual?

—A Mesa da Santa Casa acaba de tomar luto pesado em signal de respeito e estima que consagrava ao finado negociante Costa Pinto.

—Um acto inteiramente digno.

—E' exacto; porém escute:

A Santa Casa tem contado innumerados benefeitores, homens verdadeiramente philantropicos, como Godinho, Friandes, Paranhos e outros; e a Mesa nunca se lembrou de testemunhar-lhes na morte tão subida prova de apreço; a esses que legaram suas fortu-

nas e prestaram seus serviços. Apenas de um ou outro mandou tirar o retrato.

O finado Costa Pinto podia ser muito estimavel, credor de immenso respeito, homem muito dinheiroso e ter outros predicados, mas beneficios a Santa Casa nunca me constou que fizesse, á não ser o simples cargo de mordomo das obras que occupou por pouco tempo.

—Quer saber a razão unica que eu vejo?

—Por isso é que vim lhe consultar.

—E' que, segundo disse o Sr. Borges da Fonseca, até para morrer é preciso ser feliz.

—Capitão, venho trazer-lhe o resultado da representação submittida ao Sr. Dr. chefe de policia, contra Cassiano Rodrigues Banha, de fazer em sua morada matadouro de porcos, na travessa da rua do Socorro, freguezia de Brotas, e continúa a matar, desrespeitando as ordens de S. S. transmittidas ao subdelegado.

—Leia.

—«Informe com urgencia o Sr. subdelegado respectivo. Bahia e repartição da policia 24 de janeiro de 1871—*Cerqueira Pinto.*»

«Com as ordens expedidas n'esta data ao subdelegado respectivo, fica deferida a representação dos supplicantes. Bahia e repartição da policia 27 de janeiro de 1871—*Cerqueira Pinto.*»

—Pede-se a um certo caixeiro *petit-maitre* que deixe de querer abarcar o mundo com as pernas, principalmente dirigindo graças as filhas do diabo coxo, ao depois não se arrependa.

—Quem será?

—E' o ex-enteado da quiabo duro, no Pelourinho.
Um impossibilitado.

VARIEDADES.

BOM CONSELHO.

O talentosissimo Alcibiades, este admiravel Protheu moral e politico, que segundo todos os historiadores gregos e romanos que fazem menção d'elle, possuiu no goso mais elevado todas as virtudes e todos os vicios, procurou um dia seu abalizadissimo parente Pericles, este grande, esclarecido, desinteressado, patricio e magnanimo varão, que sabia ser cidadão leal e ao mesmo tempo soberano absoluto da republica das Athenas, e em 40 annos para a felicidade do estado e gloria das sciencias e bellas-artes sem outra força ou autoridade, senão as de seu eximio engenho incrivel, mas bem merecido prestigio e sua eloquencia arrebatadora, que seus com-

temporaneos comparam com o trovão e relampago; como um circumspecto pai governa os inconstantes e inconsideraveis athenienses, estes amaveis francezes da antiguidade.

Sua digna esposa, a par de sua formosura, eloquencia e variada instrucção, igualmente celebre, *Aspasia*, que a historia reverera como um elevado modelo para seu delicado sexo, disse a *Alcibiades*, que não podia fallar com seu marido que nesta occasião estava mui occupado a esmerar se em arranjar contas do emprego do dinheiro publico para apresental-as ao povo.

Alcibiades, que bem sabia que *Pericles*, era muito apaixonado por fausto, edificios sumptuosos, estatuas, pintura, divertimentos & que tinha gastado sommas consideraveis com o embellezamento da cidade, obras primorosas de esculptores e pintores, festas etc, respondeu, sorrindo-se maliciosamente: «Diga a *Pericles*, que lhe aconselho de não fazer isso, mas pelo contrario esforce se em evitar de dar contas.

Talvez daria *Alcibiades*, si ainda fosse vivo, o mesmo bem intencionado conselho aos que, quando a infausta guerra do Paraguay acabou, foram constrangidos a esmerar-se em idéar contas de seu custo para apresental-as á nação brasileira!!!

PERGUNTA INNOCENTE.

Poucos dias antes de morrer, disse Carlos XI rei da Suecia, que então já se achava atormentado de uma grave e mui dolorosa doença:

«Sei que se devia exigir muito de mim, a quem Deus tem confiado muito; mas quando encarregou-me do governo, sabia que eu tinha uma vontade sobeja de bem conscienciosamente cumprir meus deveres: a força dá fazel-o dá elle como lhe compraz. Não jurei nem pude jurar a meus subditos de governal-os com prudencia, nem com sabedoria, mas somente com fidelidade e justiça.»

Poderão muitos dos altos e excellentissimos empregados deste imperio repetir estas palavras a seu proprio respeito, sem corarem?

Correspondencia policial.

Damos aos nossos leitores com a orthographia original os dous bellos specimens da correspondencia entre dous inspectores de quartelão, a proposito da significação dos votantes, pela respeitavel ordem do nosso delegado, como diz nm delles.

«Illm. Sr. Tendo eu notificado 4 votantes policiaes pela respeitavel Ordem do nosso Delegado, estes estão no seu quartelão, e estão na mesma listra e Como elles põem duvida

fazer o serviço agora e Vmc. e ao mesmo, tempo chamar por tanto me é necessario requisitar a Vmc.—Illm. Sr. Joaquim Marcelino D. Es-petor do Bairro do Macuco. 7 de Dezembro. O Inspectô *Francisco José de Oliveira*.

«Resposta.—«Illm. Sr. Meo premo *Jenasio José de o Levera Amº Snr. vmce*, pode no tiffi Car os peliças que tiver morando da fazenda do Sr. José Francisco para baxo o Cual Ja eu não tirei as Listra destes morador do que o je em di ante sam seos por *Lésia*.—De Vmce. Amº, obrº—*Joaquim Marcelino do Nascimento*.

Dizia um medico francez que não havia mais do que duas classes de molestias: d'uma morre-se, e d'outra escapa-se!

Um estudante tinha um só par de calças que mandou lavar, tendo por isso de ficar na cama. A lavadeira demorou-se e dizia o pobre do rapaz dous dias depois olhando para as ceroulas: —«Preciso de sahir, e de boa vontade iria buscar as calças. Mas... fatalidade!... para as ir buscar, era preciso tel-as!...

Esposas guardadas a cadeado.

N'um artigo dos excellentes «*Annaes do Club Militar Naval*» diz-se que:—Uma das cousas que fez mais impressão aos officiaes portuguezes da guarnição da curveta «*Palmella*» ao visitarem os portos do canal de Suez foi verem as mulheres casadas com os rostos cobertos com mascaras e fechadas a cadeado, cuja chave e a guardada pelo marido! Quantos não desejariam ver implantado este costume no Brazil.

Um velho, a quem lhe perguntaram como tinha vivido tanto tempo, respondeu:

—Nunca estive em pé, podendo estar assentado; casei-me tarde, enviuei cedo e não me tornei a casar, eis aqui o segredo.

—Oh! meu sargento, venha cá; gritava o soldado que estava de sentinella a um posto de guarda, venha de pressa, que tenho aqui um ladrão agarrado.

—Pois traze-o cá dentro.

—Não posso, meu sargento.

—Porque?

—Porque, por mais que forceje, elle não me quer soltar!

Piron, o celebre poeta satyriço francez, foi uma noite prezo, por engano d'uns policiaes que procuravam um criminoso; levado á presença do prefeito de policia, este o interrogou á cerca da sua occupação ou profissão.

—Sou poeta, respondeu Piron.

—Oh! é poeta? disse o magistrado, já de bom humor; pois eu tenho um irmão que também cultiva as musas.

—Então estamos eguaes, disse Piron, dando largas á sua veia satyrica, porque eu tenho um irmão idiota!

Um sujeito que tinha um irmão clérigo, o qual nunca resava, quiz guardar uma moeda onde o irmão lh'a não podesse achar; escondeu-a no proprio breviário, dizendo: agora segura a tenho.

Enigmas.

—O que é que um homem póde dar a uma mulher, sem o ter?

—Marido.

—Como podemos conseguir que as mulheres formosas andem atraz de nós?

—Andando nós adiante d'ellas.

Qual é a cousa que nós damos antes de termos?

—Uma canellada.

—Em que se assemelha uma capella a um leproso?

—Em não ter cura.

—Que differença ha entre um medico e um copo d'agua?

—O copo d'agua mata segura, e o medico se cura não mata.

—Em que se parece Verdi com uma galinha?

—Em ter produzido uma «gemma».

ANNUNCIOS.

Luiz de Oliveira Vasconcellos, participa aos seus numerosos freguezes, que mudou sua loja de calçado e charutos á rua Direita da Misericordia, n.º 17, para a mesma rua, loja n.º 13, defronte da Capella de S. Antonio.

Na Photographia Nacional de Reis & C. se dirá quem precisa de mulheres e meninas que trabalhem em charutos, rua de S. Bento n. 6.

Aula Primaria.

O professor Candido Ricardo de Sant'Anna, declara aos Srs. paes de familia, que a sua aula de primeiras letras, defronte da matriz de S. Pedro, acha-se aberta desde o dia 9 do corrente mez.

Bahia 11 de janeiro de 1871.

O CAFE

LES DEUX AMIS

AO LARGO DO THEATRO

VENDE:

Vinho fino.

Dito Bordeaux, Figueira e Porto.

Extrait de Absinthe.

Bitter e Vermouth.

Calda de cajú e groselle.

Agoa: Americana e Seltz.

Genebra aromathisada.

Vinho Champanhe.

Cerveja ingleza e nacional.

Agoa de Felippe.

Licores finos.

Vellas de spermacet.

Conservas e ervilhas portuguezas.

Charutos de fabricantes da provincia.

Chocolate fino

Biscoitos inglezes.

Cigarros do Rio de Janeiro.

Molho inglez.

Phosphoros de cera e segurança.

Cartas russas e francezas.

Carteiras de segredo.

Papel e enveloppes.

E diversos artigos de miudezas por metade do seu valor para liquidar.

Aviso as solteiras.

Um pobre joven de muito bom genio, e circumstancias, alguma cousa letrado, desejaria contrahir matrimonio com uma joven donzella d'idade de 20 á 32 annos, e que reuna as circumstancias seguintes;—1.º Que seja sã de toda a enfermidade extrinseca, e intrinseca; que seja honrada, laboriosa, humilde, e discreta, e filha de bons Pais. 2.º Que a agraciada, alem das circumstancias a cima, tenha pelo menos (e se por ser, mais) quatro contos de reis de dote, dinheiro effectivo, ou que seja herdeira d'um liquido equivalente, para desde logo arranjar um officio. E conclue dizendo, que se a agraciada tiver tão bom genio como seu feliz pretendente, só com isso (e ajudados da graça de Deus serão felizes.

—Corro que hontem, em um trapiche, ao desempilhar-se alguns fardos de fumo, um delles cahira sobre um moço e o mandara para outra vida.

Consta que era caixeiro da casa de Boldt Katenkamp.

—E o trapiche?

—Não sei.

—Pois é preciso indagar.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 76.^a

SEXTA-FEIRA 10 DE FEVEREIRO.

N. 751.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—4\$ rs. por serie de 10 numeros; 5\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

Principia hoje a serie 76 do «Alabama».

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 9 de fevereiro de 1871.

Portaria ao fiscal de Sant'Anna, ordenando-lhe, para que se possa transitar desassombrado pelo becco das Hosteas, que intime ao dono de dous temiveis cães que ahi andam soltos, investindo sobre quem passa, para que os traga acorrentados, sob pena de ser-lhe imposta as penas da postura competente. Cumpra.

REQUERIMENTO DESPACHADO.

Moradores do becco das Hosteas, pedindo a collocação de um laço policial para apanhar as rapozas bimanas que infestam os quintaes d'aquella rua e devoram as gallinhas. — Cada um que tenha cuidado no que for seu.

—No domingo festejar-se-ha com toda pompa e esplendor a gloriosa Senhora Sant'Anna do Rio Vermelho, pregando ao Evangelho o Revm. pregador imperial Fr. Itaparica.

No sabbado haverá vespera, pau de sebo com primorosos premios, e á noite illuminação, leilão e balões.

Domingo á tarde romaria de jangadas, cavallhada preparada com todo gosto, dando fim aos festejos um surprehendente fogo de planta.

A musica do 14.^o tocará na vespera e no dia escolhidas e variadas peças.

—Tambem nesse mesmo dia festeja-se com a solemnidade do costume ao Senhor Bom Jesus do Bomfim de S. Domingos.

—Consta que haverá missa nova nessa festividade.

—Não garanto isso; sei que haverá fogo de artificio, balões, illuminação, etc.

—A meza da irmandade da Senhora Santa

Anna do Rio Vermelho espera a concorrência dos feis.

—A irmandade do Senhor do Bomfim de S. Domingos tambem a mesma cousa dos seus feis devotos.

—N'este caso, cada um que concorra para o lugar que lhe for mais conveniente; tanto faz assistir a festividade da Avó, como a do do Neto.

—A quem pertence uns burros que pastam no Terreiro?

—Meus não são.

—Sejam de quem for; desta forma pode-se ter animaes.

—Como?

—Engordando-os sem gastar dinheiro. Não vê como os bichinhos regalam-se na verde gramma que reverdece na praça do conde d'Eu?

—Fazem um beneficio á camara tirando-lhe o trabalho de mandar capinar.

—Todavia dizem que ha uma postura que prohibe os animaes andarem soltos.

—Mas como os burros não sabem ler, ignoram que ha tal prohibição a seu respeito.

—«João Barretto da Silva Maia, alferes honorario do exercito, pedindo ser nomeado commandante dos guardas da casa de prisão com trabalho.—Outro mais graduado e com serviços egualmente de guerra, é o nomeado; o supplicante pode pretender um lugar de guarda, que é emprego civil, e que já foi pedido por officiaes de patente superior á do supplicante.»

—V. está largando um disparate, homem! Andar de espingarda ao hombro e correia ás costas, fazer sentinellas á presos, acompanhá-os na rua, nunca foi emprego civil. Como V. quer, eu posso dizer tambem que os empregados da alfandega são maritimos e que os sineiros são militares.

—Olhe que estou lendo um requerimento despachado pela presidencia; não sou eu quem diz.

— Ah! desculpe; si é decisão de S. Ex. está direito. Disse elle, está dito.

Comtudo, eu no caso do petionario agradecia a S. Ex. o conselho que lhe dá, porque não ha de ser por um sujeito se atirar no dique que eu hei de ir-lhe atraz, nem ando no mundo por ver os mais andarem.

— Meus dous amaveis, vocês que deram aquella monstruosa sentença, mirem-se neste espelho, e consultem no recolhimento de suas consciencias si em outro paiz, a sanção legal não cahiria sobre suas cabeças por tamanha iniquidade que praticaram.

«Art. 129 do cod. penal.—E' prevaricar—o juiz que por affeição, odio, ou contemplação, ou para promover interesse pessoal seu, julga ou procede contra a litteral disposição da lei.

«E' prevaricador—o juiz que aconselha alguma das partes que perante elle litigam.

«E' prevaricador—o juiz que se deixa corromper por influencia, ou peditorio d'alguem, para obrar o que não deve, ou deixar de obrar o que deve.

«Art. 133 idem.—Incorre no crime de suborno—o juiz que se deixa corromper por influencia ou peditorio de alguem, para obrar o que não deve, ou deixar de obrar o que deve.

«Arts. 153 e 154 idem.—Commette o crime de falta de exaçoção no cumprimento de seus deveres—o juiz que, por ignorancia, descuido, frouxidão, negligencia ou omissão, deixa de cumprir ou de fazer cumprir exactamente qualquer lei ou regulamento.»

— Capitão, sabe que um sapateiro de Paris acaba de dar o corte nos carros e cavallos?

— Venha com innovações.

— Semelhantes auxiliares da velocidade humana vão desapparecer como objectos inuteis.

Para encurtar as distancias o homem não precisa mais de recorrer as locomotivas; cada um será um agente de presteza e rapidez de si proprio.

— Vão crear azas sem duvida?

— Não, mas ha isto:

«Um sapateiro parisiense de fama, acaba de inventar um calçado munido de carinhos, que permittirá ao homem andar tão rapidamente como o cavallo, e parar instantaneamente, o que é uma enorme vantagem.

«O meio que se empregou para obter este magnifico resultado, é tão simples como engenhoso.

«As rodas adoptadas aeste calçado tem uma forma especial: a sua circumferencia

acha se dentro d'um polygono composto de vinte e cinco linhas quebradas.

«Estas quebraduras, que não diminuem sensivelmente a corrida, tem a vantagem d'impedir uma rapidez perigosa e de facilitar a paragem.

«As rodas devem triumphar com facilidade do gelo; e, alem disso, não deixarão passar o frio nem a humanidade e a corrente de ar que a corrida mais rapida deve estabelecer impedirá o suor, tornando o calçado mais sadio.»

— Estou sciente; mas a tal descoberta parece que não é nova.

Como cavallo já anda muita gente e sem ser de quatro pés.

— Capitão, pretendia dar uma resposta conveniente a publicação do *Diario da Bahia* de 2 de fevereiro, que tem por titulo—*ao critico anti-gallinaceo do «Alabama»*, assignado—o *Bernardo*; mas á pedido de um religioso, com quem entretenho relações, deixo de o fazer; todavia, resta me a consolação de que o tal padre Bernardo errou até no periodo de S. Matheus que citou na sua publicação.

— Eu estou certo que elle disse:

«O Senhor do Bomfim é uma gallinha, e nós somos os pintinhos que Elle agazalha; comquanto estou convencido de que o artista quando commette erro em alguma obra que faz tem o direito de deitar um remendo para encobri-lo, não passando em todo caso de um artista remendão.

— Quer dizer com isso que assim é o pregador que, errando no pulpito, procura cores para encobrir seu erro, quando d'elle é censurado.

— Não queria dizer tanto, porque ficará o pregador que assim pratica tido como pregador remendão.

Agora o que eu, não obstante o pedido do amigo, não posso deixar passar sem resposta é o tal padre Bernardo do *Diario* querer negar o que disse no seu sermão, dicto esse presenciado por diversas pessoas

— Ora, deixe lá o padre com as suas *bernardices*.

— Publica o *Jornal* de hoje a informação que dera o digno commandante do corpo policial ao presidente da provincia ácerca do espancamento do soldado Antonio da Costa Netto.

— Gostei de ver.

O soldado estava embriagado, e allegava soffrer dor de colica; por isso mesmo foi mal feito darem-lhe bordoadas, si é verdade o que dizem as praças que presenciaram o conflicto.

Espancar a um enfermo ou a um ebrio é falta de charidade, ainda dado que se esteja para isso authorisado.

Estou porem decidido a crer sinceramente que o capitão Carvalho não deu no soldado, desde que a palavra honrada do seu valente commandante assim declara.

Mas o que não se pode negar é que o logar de curar-se bebedeiras é no calabouço e não no hospital.

O soldado porém entrou para o hospital bebado no dia 27 e sahiu d'elle no dia 31 curado de colica.

E si realmente quando elle entrou no quartel soffria de colica, esse homem é um portento pois que á despeito dos dolorosos soffrimentos que produz a colica, das contorsões que arranca, do anniquilamento de forças que traz, teve esforço para resistir e tornar-se furioso, a ponto de ser preciso recorrer a meios fortes!

O sentimento de uma dor aguda no organismo humano actúa sobre todos os mais sentimentos.

—Deixe passar.

O soldado é de mau comportamento e todo homem de mau comportamento principia por mal-casado; mas a mulher de Antonio da Costa Netto diz o contrario e dá prova com a afflicção que mostrou pelo que succedeu a seu marido, apresentando se até na repartição da policia onde lhe negaram a entrada.

—E note que nestes negocios de espancamentos ha uma coincidência fatal. Dão-se sempre com certos e determinados officiaes. Do Sr. capitão Carvalho não é a primeira vez que a voz publica accusa de ter espancado soldados, verdade ou não.

—Mas emfim..... como a corda quebra sempre pelo lado mais fraco.....

—O presidente da sociedade Monte-Pio dos Artifices pedia ao Exm. Sr. barão de S. Lourenço exoneração d'esse cargo, visto a desconsideração da assembléa dos associados para com o conselho administrativo.

—E fez muito bem.

—Eis-aqui em sua integra o officio por elle dirigido ao presidente da provincia:

«Bahia, 9 de fevereiro de 1871.—Illm. e Exm. Sr.—Não podendo continuar a exercer as funções de presidente da sociedade Monte Pío dos Artifices, visto os tropeços que a assembléa dos associados procura pôr para transtornar a marcha dos trabalhos do conselho, peço, nesta data, a V. Ex., a graça de exonerar-me de tal cargo, nomeando um outro que possa bem administrar os interesses sociais.

«Aproveito a oportunidade para agradecer a V. Ex. a escolha que fez da minha humilde individualidade para presidente da sociedade dos Artifices.

«Deus Guarde a V. Ex.—Illm. e Exm. Sr. barão de S. Lourenço, presidente desta provincia.—*Aristides Ricardo de Sant'Anna.*»

—Capitão, os inquilinos das propriedades da Santa Casa da Misericordia, da cidade baixa, antes de tomarem a chave de qualquer casa, dão de esmola 1:000⁰⁰ rs. e mais, conforme o preço da casa.

—São obrigados tambem, porque assim entende a Misericordia, a contribuir para o calçamento das ruas, quando é ella a obrigada á isso, como proprietaria.

Além de tudo isso, quando intende levantar os alugueis.

—Mas em nada d'isso é que está o escandalo, o escandalo está em ella pagar um quarto por cento do seguro contra fogo, e cobrar de cada um inquilino dez por cento.

—Qual, isso parece historial

—E' verdade, posso lhe garantir, porque vi um recibo passado neste sentido:

Aluguel	100 ⁰⁰ 000
Seguro	10 ⁰⁰ 000

Rs.	110 ⁰⁰ 000

—E' um abuso isto.

—E como este, muitos outros abusos inqualificaveis, que os novos mezarios tem posto em execução.

—Abi está porque hoje em dia ninguem mais quer legar seus bens a Santa Casa da Misericordia.

A PEDIDO

—O Sr. é o muxingueiro do *Alabama*?

—Sem tirar nem pôr.

—Andava mesmo á sua procura.

—E eu á cata dos tratantes.

—O Sr. não passa á noite pela *Taboa-grande*?

—Quando venho em terra é meu caminho.

—Pois então peço-lhe encarecidamente que tome a seu cuidado um mariola, tratante de sete costados, que por ali ha.

—São tantos que é custoso distinguil-o.

—Um que tem nas prateleiras da biboca *S. João* em logar de *Santo Antonio*, santo que todo taverneiro venera.

—Bem, hei de ver isso; siga.

—O motivo porque o recommendo a sua attenção é pela infinidade de traficancias de

que está sobre-carregado o bojo d'aquelle canastrel de estratagemas e ardís.

Como os morecos, espera pela noite para fazer suas correrias. N'essas horas entram na tal biboca, que tem S. João em lugar de Santo Antonio, certos volumes mysteriosos que ninguem sabe a procedencia, porque não é á noite occasião propria para tratar certos negocios.

O Castro, meu visinho, que tudo sabe, por que de tudo indaga, assevera que o homem tem seus freguezes, que só de noite lhe podem ir levar as encomendas; porem o Guimarães, que é entendido, disse que a cousa é outra; que aquelles objectos são assim conduzidos á noite para evitar o calor do sol e a luz do dia, que exercem sobre elles acção deterioradora; tanto assim que outro dia uma remessa de carne que lhe foi endereçada soffreu damno *apprehensivo* e quasi dá em vaza barrís.

Para mim, a opinião mais acertada é a do Abreu que diz que o homem é da escola de *surrípío*, que gosta das trevas para fazer certos arranjos.

—Em resumo, o que Vm. quer é que o filho das ilhas não continue a ter aberta á noite a immunda tasca, no exercicio da pilhagem, não é?

—Sim, Sr., porem quando for a elle seja de calabrote em punho.

—Isso não lhe dê cuidado.

—Capitão, uma curta historia.

—Conte.

—Passando o filho de um ricasso, á cavallo, em impetuoso galope, pelo largo chamado o Santo que livrou o pae da forca, pisou um menino e offendeu-o gravemente.

O ordenança do subdelegado prendeu-o.

—Sim, Sr.; obrou como devia.

—Nem tanto, capitão, porque duas horas depois, o subdelegado chegando, teve uma conferencia e ouvindo *certas razões* que lhe expozeram, achou irregular a prisão e mandou pôr em liberdade o cavalleiro.

—Sem saber si a parte queria proceder?

—Como sem falta.

—Que pressa! Ter dinheiro não dá direito a tanto beneplacito.

—O engraçado não foi isso. O pae do offendido requerendo corpo de delicto, o subdelegado disse-lhe que não tinha logar, por que o menino não era seu filho legitimo!

—Jurisprudencia da terra dos *mamões!*...

—Entretanto o soffrimento do menino tem se aggravado extraordinariamente e por muito favor o causador da offensa manda um medico seu tratal-o.

—Ser pobre é a peor das condições do homem! Fazem da gente cego, estúpido, lorpa!

—Dizem que a razão de tanta complacencia é que a authoridade e o offensor tem o nome de dous *santos* martyres que morreram enforcados no mesmo dia. O nome do offensor é o de um *santo* que morreu pendurado em um pé de amoreira, e o da authoridade foi um *santo* que morreu igualmente em um pé de pereira.

—E a lei dos Myrés propagando-se como um codigo abençoado!

—Capitão, vou lhe contar uma celebridade do Sr. official *Fruca da Amoreira*, na quinta feira.

Estando sentado nos degraus do edificio da camara dos varredores na occasião em que a musica advertia que eram horas de *recolher*, fui intimado grosseiramente por um soldado da parte do dito official *Fruca da Amoreira* para me levantar, porque não havia ordem de ninguem estar alli sentado.

Outras pessoas que ali se achavam receberam a intimação com escarnekedora irrisão.

Eu porem obedeci; certo de que V. Ex. tomaria em consideração tão desmiolada sem razão.

Por tanto, espero, que V. Ex. não deixe passar incolume este facto e mande o dito official aprender melhor as regras do serviço militar.

ANNUNCIOS.

Espectaculos namoratorios todos os dias das tres horas e meia as seis da tarde na praça do Governador.

O palco é mesmo na esquina do edificio do paço, ao dobrar para a rua *Torta*.

Vistas de destructe, scenas de caponismo, paisagens irrisorias, momices alambicadas.

As representações são publicas e francas para todos; só ha cadeiras para os comediantes. Essas representações são de algum interesse pelo papel que desempenha a protagonista uma filha das plagas de Camões, a qual collocada nas emminencias, dahi prende as attensões de seus admiradores.

Pede-se a um senhor capitão do extincto quarenta de voluntarios, o favor de vir a rua Direita do Collegio satisfazer o importe das botinas que mandou fazer por 2 de Julho p. p.

Na Photographia Nacional de Reis & C. se dirá quem precisa de mulheres e meninas que trabalhem em charutos, rua de S. Bento n. 6.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 76.^a

QUARTA-FEIRA 15 DE FEVEREIRO.

Ns. 752—753.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1\$ rs. por serie de 10 numeros; 5\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*,
14 de fevereiro de 1871.

Officio ao Exm. Sr. inspector do arsenal de marinha, para que se digne tomar conhecimento do seguinte facto.

Fallecendo o sargento Seraphim, encarregado do serviço da galé, deixando mulher e filha, o inspector d'aquella epocha por espirito de equidade concedeu a viuva um comodo dentro do arsenal para sua habitação, concessão que não foi alterada até hoje pelos seus predecessores.

Acontece agora, segundo dizem, que achando-se moça a menina, apesar de defeituosa em consequencia de um banho de folha de fumo que quando creança lhe dera o pae, o cabo que actualmente faz o serviço da galé, abusou da sua ingenuidade, e por meids seductores deflorou-a recentemente e abandonou-a em seguida. Este facto tem estado em segredo e pelo geito parece querer passar impune; por que a desventurada mãe em sua afflicção não tem outro recurso mais do que o de lastimar-se. S. Ex. porém como chefe da repartição em cujo recinto foi violado o pudor de uma virgem, por moralidade da referida repartição deve empregar os meios para coagir o seductor a reparar o damno, livrando mais uma victima a quem a prostituição abre os braços.

—Que vida penosa tem esta desditosa mulher! E' um flagello de si propria e um incommodo para os moradores da Cova da Onça!

—E esta terra, cuja elastica charidade se estende até aos mares, esquece-se dos pobres doudos e deixa-os sem abrigo, dormindo na lagea das calçadas ou nas soleiras das casas! Aqui fazem-se *meetings* para socorrer a estranhos e deixa-se os naturaes necessitados famintos á mingua!

Mas é que na Europa ninguem sabe que os doudos nesta terra não tem onde abrigar-se,

ao passo que a noticia do *meeting* ha de reboar por lá.

—Essa lembrança de *meeting* tem o que se lhe diga.

Houve a guerra do Paraguay; sabe-se das calamidades que affligiram nossos bravos, as privações que passaram, e ninguem se lembrou de fazer reuniões populares, nem me consta que o respeitavel e piedoso bispo do Pará fizesse ouvir sua apostolica e persuasiva voz a favor daquelles bravos.

Mas emfim, como fazer bem não olhes a quem, nem por isso a accção deixa de ser meritória e digna de louvor.

—Mas esta pobre mentecapta, coitada, faz pena!

Passa as noites exposta ao tempo, e quando a *lua aberta-lhe*, como não tem habitação, entende que todas são a sua, e batte em todas as casas. Como não lhe abrem, exaspera-se, grita, serve-se de pedras para ser ouvida.

—E uma vez por outra, quando a policia entende, lá vae a miserrima dar com os ossos na Correção, d'onde sahe outra vez para seu malfadado destino.

—Capitão, o vapor *Dous de Julho* foi victoriado e julgado apto para navegar todo este mez.

—Cousa velha.

—Mas eu não sei quem se enganou; si foi a mestrança do arsenal dando o vapor por bom, ou o vapor que estando bom quiz fingir-se de arruinado.

—Havia de ser uma das duas.

—A verdade é que o vapor entendeu que era um falso que lhe levantavam—dizer que elle estava em bom estado, e para provar o contrario, seis dias depois de começar o mez, amouu-se dentro do rio de Cachoeira e quasi desmente aquelles que abonaram sua capacidade para trinta dias pelo menos.

Por poucas que o bicho leva a breca.

—Cousas do arco da velha.

—E lá foi o pardieiro ambulante para os estaleiros receber batoques que atamanquem as brocas sem ao menos o mez estar no meio.

—Está o que faz a gente se fiar em tudo. Eu cá só affianço por mim, ou por aquillo que tenho certeza.

—A policia e os larapios andam sempre diametralmente oppostos.

Enquanto aquella diminuc de vigilancia, estes augmentam de audacia e sagacidade.

—E desta forma vive a gente em continuo sobresalto.

—Não ha em que confiar para escapar a astucia e subtileza dos larapios. Elles entram com facilidade admiravel em uma casa bem fechada como si fosse sua.

—Está que no sabbado á noite deu-se um caso destes.

Cyriaco, crioulo, tem officina de sapateiro no Rosario de João Pereira. No sabbado ahi esteve até 11 horas da noite. Retirando-se para sua morada, notou, ao fechar a porta, que defronte havia um vulto de mulher. No outro dia, voltando a sua casa de trabalho, achou-a aberta e faltando tudo que havia dentro sem que elle saiba para onde fizeram a mudança.

—Eu antes queria que a policia dissesse que não se embaraçava com os ladrões por que cada um sabia como arranjava seus molhos.

—O influxo do vicio contamina espantosamente nesta terra.

Esta febre de violentos attentados que grassa ultimamente contra a pudicicia, deve dar o que pensar.

—Denota que a corrupção vaé attingindo a ultima escala na degradação moral.

—A' pouco deu-se o facto inaudito de um homem casado commetter a atroz açção de forçar uma criança, e satisfazer nella luxuriosos appetites; não decorrem muitos dias e um preto de uma padaria á Saude, agarra outra criança e pretende, por meio de força, imital o no seu depravado proceder.

—Os maus exemplos dimanando das classes mais civilizadas servem de contagioso incentivo as massas ignorantes.

—Felizmente desta vez, houve tempo para arrancar a victima das garras do monstro. Os gritos d'aquella despertaram a quem fosse em seu auxilio.

—Pela forma millesima porque é fabricado o pão para o rancho dos soldados do 14.º, não ha receio de que nenhum seja atacado de indigestão.

—Cantella e caldo de gallinha nunca fez mal.

—Qualquer homem sem ser gastronomo,

devora á vontade seis daquellas insignificantes particulas.

—Talvez o encarregado do rancho entenda que os soldados estando sempre em marchas acceleradas, não é proveitoso encher muito a barriga e por isso recommenda ao padeiro que diminua o peso do pão.

Si é por isso, mostra-se que tem consummada prudencia.

—E para tudo tem uma razão a dar.

—O caes de S. João tem-se tornado um foco de turbulencias.

Desordens ali são o que não falta.

—Quem são os desordeiros?

—Saveitistas, ganhadores, etc.

—E' reprovavel.

—Entre muitos factos, no domingo 5 escaparam a 6 inglezes, sahindo dous feridos.

—Para que isso!

—Na sexta-feira 10, um tal *Capenga*, ajudado por outros, fez diversos ferimentos no mestre de uma lancha, sobre-sahindo uma grande brecha na cabeça.

—O caes não tem capataz?

—Tem.

—O que faz então?

—Gosta de ver essas scenas. Quando o *Capenga* aggreidia ao mestre da lancha, dizendo-se-lhe que os fosse accommodar, respondeu que deixassem brigar porque eram dous homens!

—Muito bem!

—O negocio ia se tornando triste, porque o tabareu não podendo resistir a tantos, foi á Santa Barbara, comprou um formidavel canivete e voltou, não encontrando já o seu aggressor.

—O culpado era o capataz, si houvesse qualquer desgraça; deve ser reprehendido.

—O homem é campeão eleitoral; basta dizer que sem saber ler foi eleitor no tempo dos progressistas.

—Milagres daquelle tempo. Mas isso é razão para agora estar fora da graça.

—Si elle não tivesse a prevençção de mudar sua bagagem para o lado conservador, logo que este partido tomou conta do poder; dizendo que é o homem do governo.

—Consciencia de salsa-parrilha; serve para tudo.

—Eu tratava dos barulhos e não da fé politica do homem.

—V. mesmo foi quem baralhou tudo.

—Vá mais um caso para terminar.

No sabbado, 11, atracaram-se dous individuos e rolaram dentro d'agua. Si a maré está cheia podiam ter morrido.

—Foi um simples banho que tomaram; de

viam sabir mais frescos do que entraram.
E' provavel que esses acontecimentos sendo assim amindados, cheguem ao conhecimento do capitão do porto, e então elle fará o que entender.

—Boa terra! Quem quer faz das suas e fica fresco!

—Cada um é senhor de suas acções.

—Respondendo diante da lei pelo uso que fizer dessa faculdade; mais eu vejo a impunidade de cabeça em pé e a falta de punição dando azas ao crime.

—O que ha de mais novo?

—No domingo á noite estando Augusto Salgueiro no Caes Dourado, Manuel Charuteiro convidou o amigavelmente para irem ao becco defronte da venda de Joaquim Torres, onde queria fallar-lhe. Ali chegando, puchou de um punhal e arremessou-se sobre Salgueiro que aparando o golpe que lhe desfechara aquelle recebeu um grave ferimento na mão.

—Hoje não ha quem não traga no bolso seu espinho.

—Porém é extraordinariamente admiravel que depois de uma violencia tal, seu author, em acto continuo, passeie livremente!

—Havendo um destacamento tão perto, quanto mais si não houvesse.

—Eu não sei do que serve estudar, si não é para adquirir as noções dos bons principios.

• Certos estudantes que conheço, desmentem completamente a instrucção que recebem de seus mestres e desabonam os cuidados da educação paternal.

—O que fazem elles?

—Vão para o convento do Carmo e das janelas commettem toda casta de indecencias com grave insulto para as familias das casas fronteiras.

—O remedio é reclamar ao prior para que faça cessar tão abusivo modo de proceder. ou então publicar os nomes dos marrecos para que os paes fiquem sabendo o que fazem elles quando estão fora de casa.

—E estes assim como não quererão que suas familias sejam desacatadas, tambem não devem consentir que seus filhos desrespeitem as dos outros.

—Capitão, conversei, ha dias, com um respeitavel sacerdote, e nessa occasião tratou elle da circumstancia de ser o dia 2 de fevereiro considerado aziago e ao mesmo tempo sanctificado, por ser nelle que se venera a Purificação de Maria Santissima.

—E o que pensa a respeito?

—Que a tabella dos dias aziagos, não era peccito de fé; suppõe-se ter sido organisada por Adão; porem que a egre, a podia sanctificar um dia e contudo dar-se nelle muitos casos fataes; tanto assim que neste anno sabia dos seguintes, acontecidos no dia 2 de fevereiro.

Em Itapagipe morreu um menino afogado, desastre que o *Alabama* noticiou; que morreu mais uma mulher afogada; que embarcando-se nesse dia para Santo Amaro, á bordo ia morrendo um homem, esmagado pela roda do vapor; e que ao desembarcar soube que havia morrido uma mulher repentinamente na praça daquella cidade.

—O que se conclue d'ahi é que todas essas instituições são organizações puramente da cabeça do homem e por tanto peccaveis como elle; por que do contrario o dia consagrado Aquella que foi preservada de culpa seria um dia de bençãos e de proprios acontecimentos.

—Capitão, minhas noticias são abreviadas.

—E' como serve.

—No dia 12 do corrente o portuguez Jose Alves Vieira espancou atrozmente ao africano Bernardino, com uma acha de lenha, no Taboão.

—E' escravo d'elle?

—Nem que fosse; ninguem tem direito de dar para matar.

—Tem razão.

—O que mais me indignou foi ver um sujeito que dizem chamar-se, Gomes Coelho, e foi caxeiro de uma loja de drogas, dar tamanha bordoadá no caxasso do pobre preto que o fez cahir sem sentidos nas pedras.

Me parece que são feitos esses que precisam de correclivo.

—De certo. Mas antes de me dar parte V. devia ter ido ao subdelegado da freguezia.

—Estou que já deve ter noticia; um parente do proprio Gomes Coelho prendeu-o á ordem do chefe de policia; mas dous inspectores, que em quanto o preto apanhou, não appareceram, tomaram o preso, dizendo que se responsabilavam por elle.

—Que maldade de coração! Que malignas entranhas!

—O que aconteceu?

—Um homem que estava pacificamente alli defronte de S. Domingos, recebeu do alto uma pesada massa de chumbo sobre a cabeça que no mesmo instante fez-lhe o sangue correr. E que brexa!

—De onde atirariam?

—Innegavelmente foi da torre ou das janelas do chôro.

—Na verdade so de um genio perverso! Hoje noite de festa, o povo apinhado, atirar-se um pedaço de chumbo em risco até de causar morte!...

Vae muito corrompida esta geração!...

—Capitão, ouça uma como muitas outras.

—Ertão ja não é cousa nova.

—Communicam-me que no dia 3 do corrente no Aceupe, freguezia de Brotas, pelas 4 horas da tarde, um preto escravo, dizem que á mandado de seu senhor, espancou enormemente a um individuo fazendo-lhe profunda brecha na cabeça. Depois foi o ferido conduzido á casa do senhor do aggressor, onde lhe applicaram curativo sobre o ferimento, com receio talvez de que perigasse.

Diz o communicante que, suspeitas de negocios de honra deram logar ao acontecimento, porém que o offendido apanhou innocente por não ser aquelle para quem era destinado o presente.

—E que engano!

—O valor que tem este facto para ser registado é apenas para saber-se como se dão certas cousas e passam despercebidas.

—Capitão, vou contar-lhe um facto que se deu no dia 2 de fevereiro, ás 9 horas e meia da noite.

—Já é um pouco velho, mas emfim... vá lá.

—Passava eu pela estrada que vae ter a Praça dos Veteranos, e seguia em minha frente um pardo que se achava um pouco espiritualizado, mas sem incommodar pessoa alguma.

Ouvindo elle o tropel de um cavallo, disse: —*deixe-me vêr que cavalleiro é este que ahí vem.*

A essas palavras approxima-se d'elle um capitão de *permanentes* e pucha pela espada e diz: —*não achou com quem divertir-se si não commigo, e foi arrumando-lhe a espada.*

—Que insolencia!

—N'isso, apparecendo um soldado; conduz preso o mencionado pardo, e, a exemplo do capitão, por sua vez, refrescou tambem de reffe o preso.

—Como se chama o tal capitão?

—Disseram-me que Carvalho, mas eu não o conheço.

—Esta nossa terra vae as mil maravilhas!

—Capitão, quero lhe contar um facto; é de mais de vinte dias; mas só agora é que tive d'elle conhecimento.

—Sendo cousa que interesse vem a tempo ainda.

—Pode ser que o decorrer de dias tenha

apagado os indicios e torne difficil chegar á prova irrefragavel da verdade; o que porém vou lhe expôr pode, pelo menos, servir de advertencia a evitar-se a reproducção de actos tão hediondos.

—De cumprimentos basta.

—Uma pessoa da visinhança da celebre *Martinha Boi*, contou-me que uma noite ouviu vozes abafadas como de quem era coagida e que supplicava e recusava-se á ceder as instancias que lhe faziam.

No dia immediato perguntando a uma companheira de morada de *Martinha Boi*, soube que fôra uma rapariga honesta que essa perigosa centopeia seduzira á mandado de um individuo que ahí passara á noite e se retirara de madrugada, ficando a seduzida, que ainda alli estava.

—Creio que seja verdade.

Quem sabe da conducta depravada dessa *espolêta mercurial*; quem sabe que ella e uma tal *Musqueta* tem pretendido constituir esta terra nas condições do Rio de Janeiro, estabelecendo um commercio infame e libidinoso; quem sabe que essas duas mensageiras da prostituição tem perdido muitas jovens, arrancando-as da casa paterna, e até pervertido muitas casadas; quem sabe que *Martinha Boi* não só dá *hospedagem* por certo preço aos *peregrinos* que ahí vão ter para alguma acção crapulosa, como é tambem insigne correctora que recebe encomendas para arranjar a *mercadoria* e trazel a do logar que lhe indicam, papel que desempenha com admiravel habilidade; quem sabe que essa *mercadora* da corrupção tem no seu covil dous quartos preparados onde faz o seu abjecto commercio (e muita authoridade desta terra sabe disto, por que lá tem tambem entrado); quem vê em certas horas do dia mysteriosas cadeiras embocarem de cortinas fechadas naquelle alcouce do vicio; quem sabe e vê tudo isso, repito, não deve se admirar que o que V. diz acontecesse.

—Mas, capitão, é preciso acabar com esse immundo meio de vida; com essa torrente de corrupção.

—Eu sei, eim?... tanta gente tem se utilizado dos prestimos de *Martinha Boi*, que eu acho custoso o que V. quer.

A PEDIDO

—Capitão, como é que se conserva servindo no cargo de subdelegado o homem mais devasso do mundo; um deflorador que tem seduzido a diversas donzellas e jogado-as no torpe e immundo lodaçal da prostituição; um mons-

tro que tem reduzido immensas orphans a miseria, deixando-as no estado de implorar o pão da charidade publica!

—Mas esse homem é então o capitão da companhia do olho vivo?

—Eu sei que elle, com as phrazes proprias de que usam os tratantes, apanhou de uma incauta a titulo de deitar em um banco, a quantia de 500⁰⁰ rs. e a poz no peito, pelo que tem tomado d'ella muitas chinelladas na deslavada cara, a ponto de gritar aqui-del-rei, facto esse que tem sido presenciado, não só pela visinhança como por diversas outras pessoas.

—E não é engraçado ver-se uma autoridade levando trouxadas de uma mulher?

—Não me interrompa, faz favor?

—Os apartes são permittidos.

—Esse infame que revestido da autoridade fez com que seu ordenança fosse chamar ganhadores para forçal-os a carregar os objectos que existiam dentro de uma casa, cujos objectos pertenciam a uma terceira pessoa que se achava ausente!

—Safa! que *Rocambe!*

—Será possivel que um infame desses continue com a vara da subdelegacia na mão; um homem que não é capaz de declarar onde existe a orphan Virginia, victima de seus monstruosos desejos!

—Meu charo, a sua historia vae já se tornando um pouco longa, eu vou até aqui ao 2.^o districto, e quando voltar então ouvirei o resto.

—E' justo, capitão, um pouco porém mais de paciencia, eu lhe peço pela *Virgem Senhora dos Mares!*

—Desculpe-me que tenho muito que fazer e não posso demorar me por mais tempo.

—*Au revoir.*

No ponto.

VAE A QUEM TOCA.

—E' escusado pôres em pratica o teu velho systema, já muito sedição, de agradar á uma para servir a outra. Conheço o teu logar; outra vida, meu amigo. Não queiras augmentar o catalogo das desgraças de que és author; lembra te que ha um vingador que será implacavel. Si continuares, a cousa será mais clara.

O remorso pune o crime.

Sr. Redactor.—O *Alabama* n.^o 751 chama a attenção do fiscal de Sant'Anna para uns cães que andam soltos no becco das Hosteas e como eu sou morador desse logar, houve quem se lembrasse de indigitar-me como autoridade de semelhante informação.

Não querendo acarretar com aquillo que não fiz e mesmo para arredar de mim qualquer odiosidade, peço lhe que declare sem reserva a parte que eu tive nessa publicação.

Manoel Jesuino Copque.

Nenhuma parte teve o Sr. Manoel Jesuino Copque. A informação foi trazida por um dos agentes da policia deste navio.

A Redacção.

Chulé das moças.

Traga embora o pé limpinho
Mesmo assim não tenho fé,
E direi, que toda moça
Não deixa de ter chulé!...

Lave mesmo em *frangipane*
Nada serve; a cousa é
Que ro vão do dedo grande
As moças tem seu chulé!...

Uns mais fortes que os outros
Tenbo achado em muito pé,
E na moça que súa muito
E' temivel o chulé!...

A verdade está tão clara
Como o leite no café;
Não ha moça que não tenha
Seu almiscar de chulé!...

Eu com isso não offendo,
Nem digo o que não é;
Aposto a minha vida
Como todas tem chulé!...

Nós os homens, dizem todas,
E' que temos só chulé;
Mas nenhuma mostra a meia
Que tirou hontem do pé...

Ha diãs, em um pagode,
Assentado bem ao pé,
Eu me acitei de certa moça,
Que afogou-me de chulé!...

Não direi quem ella seja,
Visto que jurei com fé,
E por isso saibam todos:
Todas ellas tem chulé!...

Eu tambem suando muito
A queijo cheira meu pé;
Quando tiro as minhas meias...
Que chulé!... e que chulé!...

O Mathias.

Crítica.

Sr. redactor.—Parece-me que devo apresentar ao publico esta critica contra o procedimento de quem se considera por cidadão brasileiro em despedida de haver me retirado a poucos dias de um logar para outro, etc.

Não esperava que existisse no caracter de um homem casado n'uma familia honesta o procedimento como adiante verá.

Tomo em consideração o atrevimento e ousadia de João Alves de Mattos, habitante do sitio Cajazeira, districto da Matta de S. João, que não respeitando uma pessoa do meu cargo a quem sou obediente tem usado destes termos.

Tendo andado, de proposito, por caminhos particulares, armado de facão, tomando fé de meu rasto, e muitas vezes rodeado minha morada certas horas; não lhe advertindo o mal que pode succeder a quem occultamente rodeia casa alheia.

Tendo-lhe pedido por favor que se deixasse desse mau costume, respondeu-me por escripto que tal favor não me promettia fazer; pois quando se rodeia casa alheia é em caso de delicto e com os termos da lei, e fóra disso quem o pratica é com más intenções, e alem de ser destituído das boas qualidades que existem no homem de bem é considerado como creatura irracional; porem ao mesmo tempo tambem considero - cada qual é para o que nasce, uns com boas condições e outros com más, bem como o Sr. João Alves talvez trouxesse sina de rodear casa alheia.

Fallo alto e poderosamente para que o publico conheça quem é João Alves, e eis a razão porque já não a fiz constar.

Considerando que não podendo me retirar com brevidade e morando em logares que residem pessoas respeitaveis era faltar com o respeito, si por motivos que com pejo os relato apparecesse consequencias tristes, e tendo dissimulado o mais possivel afim de as evitar, como já apparecia occasião á vista do que abaixo declara.

Era de crer que este homem fosse constante, segundo a amizade que me constava ter, porem não era sinão falsidade, a vista do que se segue.

Em dias de fevereiro de 1869, estando eu distante de minha porta vinte passos, achando-me de sangue-frio e não prevenido, é quando o Sr. João Alves se achava como espia ao redor de minha morada, e apparecendo dirigiu-me satisfações sobre esse fim.

Existe no dito sitio certa pessoa que não lhe pertencendo queria por força a dominar, perdendo horas, quer de dia, quer de noite, observando a, para assim a prohibir em seus passos, afinal lhe foi baldada tanta vigilancia quando ella se passou para amizade de certo supplicante que ainda não reside no dito sitio.

Ora, tendo eu residido no mesmo sitio, não por elle, sim por ordem da primeira pessoa que é mandatária do logar, e como elle se de-

clarasse meu contrario por ser odioso e muito intrigante, eis authorisadamente com enredos e chicanas me mandando retirar como constam quatro escriptos que me tem dirigido em maus termos, propondo-me desafios com patentes de valente e até se mostrando fallar me nos verdades, segundo consta, suas escriptas são dignas para se limpar o anus; e sinão tiveram esta sorte em razão de sempre ter provas deste bom homem, o qual, sinão m'as tivesse dado, era capaz de dizer que tal nunca praticou; e si peghei em penna para lhe escrever por me ter permittido, porem não o tratando indignamente como merece.

Emfim, Sr. redactor, desejarei sempre seguir pelo caminho da paz, basta ser fraco e não ter desejos de offender a meu proximo, e receiando alguma ruina, segundo os insultos praticados, tratei de me retirar da Cajazeira para o Campo grande emquanto faço ou compro uma casa; porem si a minha queixa molesta o Sr. João Alves, e queira se vingar de mim, não usando de traição estarei prompto ao que elle quizer, e quando queira dar de mim alguma parte é falsa, pois é publico e notorio o meu bom comportamento para com todos, e mais teria que dizer se me envolvesse com o que me não pertence.

Si elle me responder muito sentirei si não souber, pois me será difficil ter sciencia por que não recebo folhas.

Manuel José do Sacramento.

O amante e a perdida.

— *Mariquinha, V. quer*

Com seu bemziinho casar?

— *Vá se aguentando, meu charo,*
Não estou para o aturar.

— *Pois me desprezas, meu anjo,*
Com tamanha ingratição?

— *Vá se aguentando, senhor,*
E' d'outro meu coração.

— *Que mulher tão deshamana,*
Não comprehende o amor.
P'ra que ha de ser ingrata,
Minha casta e linda flor?

— *Eu já não posso dispor*
De meu terno coração,
Porque a um outro amante
Eu já dei minha affeição.

— *Porem ao menos me diga,*
Quem é esse afortunado,
Para quem seu coração
Tanto se tem inclinado?

— *Ah! exige de mim...*

Pois bem, eu lhe vou dizer,
E' a meu primo *Juquinha,*
Por quem me julgo morrer.

—Pois saiba agora que elle,
Na semana que passou,
Da casa do velho Cruz
Uma moça raptou!.....

—Ai..... meu Deus!....
'Stá minha honra perdida!
—O que diz, minha senhora?...
—Fui por elle seduzida!...

—Perdida! Oh! que inferno!
Que terrivel collisão!
A mulher a quem amava,
Pudor já não tem mais não.

—Perdão.. perdão para mim!
—Perdão!... perdão para quem?
P'ra mulher que o mundo olha
Com escarneo e desdem?!

—Oh! meu senhor, que martyrio!
Eu bem sei que sou culpada,
Mas não martyrise assim
A' uma pobre desgraçada!

A sociedade em mim
Hoje lança a maldição;
Mas ainda estou em tempo
De obter de Deus perdão.

O crime que commetti
Foi filho de meu amor;
Mas foi porque encontrei,
Um malvado, um seductor.

Que importa que a sociedade
Hoje me olhe com desdem;
Si no meu grande delicto
Teve ella culpa tambem.

Adeus... adeus... meu senhor,
Vou abraçar-me ao pé da Cruz;
De Deus perdão obtendo,
Transformam-se as trevas em luz.

VARIÉDADES.

Dous Jovens republicanos.

Encontraram-se na rua de... os dous jovens Silvino e Anselmo, que desde alguns dias não se tinham avistado. Eram ambos republicanos, e conversaram alguns minutos, lamentando as miserias e horrores da monarchia constitucional, e jurando que só na republica pode haver—liberdade, igualdade e fraternidade.

Logo depois Anselmo perguntou a Silvino:

—D'onde vens tu? pareces-me um pouco carrancudo...

—Não; estou apenas cansado: volto agora mesmo da casa de correcção, onde fiz recolher o meu mulato André, que ha de experimentar o gosto que dá o ferro ao pesoço.

—Ah! coitado! porque?

—Pois o patife não sahiu á passeio hontem á noute com minha sobre-casaca?...

Anselmo achou melhor guardar silencio.

—E tu?... disse Silvino; andas meio fugidio..... vaes ao lyrico esta noute?....

—Não sei, si poderei..... estou com esperanças de um *rendez-vous*.....

—Ah! e quem é a bella ameaçada?...

—Não te lembras mais da Maricota?...

—Que diabol mas a Maricota ápezar de pobre e honesta..... donzella recolhida e de excellente reputação.....

—Por isso mesmo ainda mais me apaixona e allucina.....

—Então estás prostrado?..... queres casar com ella?...

—Casar-me?... que parvoice!... eu casar-me com a filha de um torneiro?!!!

Eis ahí como os dous jovens entendiam a *igualdade* e a *fraternidade*.

Um senador impossivel.

O Dr. Trivial é um benemerito da patria que faz vida de presidente de provincia, sendo por consequencia deputado perpetuo de todos os governos; nunca mudou de partido; porque é sempre ministerialista.

Mas além do benemerito da patria, é ainda muito mais benemerito de sua mulher, Dona Joanninha.

Dona Joanninha é do partido conservador á sua pessoa, do partido radical quanto ás reformas do seu *toilette*, do partido liberal quanto as innocentes e lisongeiras côstes que recebe, e do partido absolutista quanto ao dominio que exerce sobre o marido.

O Dr. Trivial não falla em casa e nunca fallou na camara temporaria; mas na camara vota sempre com o ministerio, e em casa faz de conta que vota sempre com a mulher.

E' possivel que homem tal brigasse ao mesmo tempo com a mulher e com o ministerio?... Pois houve um dia em que a mulher e o ministerio brigaram com elle.

Dona Joanninha ainda era bonita aos quarenta e quatro annos de idade; jurava que apenas tinha trinta e tres; mas havia quatro que duplicára de capricho e de mau genio.

O Dr. Trivial estava cansadissimo de não fallar na temporaria; e ardia por sentir a mesma fadiga na vitalicia, e desde tres lustros que dava parte em segredo a todos os ministerios que já haviam feito quarenta annos.

Deu-se o caso de um ministro precisar de uma cunha em lista tripliee para senador, em que entrava um *tio* protegido, e o gabinete solidario annunciou ao Dr. Trivial que o tinha designado para ser um dos tres livremente eleitos pela provincia de...

O Dr. Trivial bem conheceu que ora cunha; mas vendo que em todo o caso era pôr o pé no estribo, correu entusiasmado a dar parte da sua felicidade a mulher.

Dona Joanninha que estava deitando pó de arroz no rosto e no peito, interrompeu sua grave tarefa e perguntou:

—Trivial! como se chama a esposa do Marquez?...

—Ora, chama se marquezia.

—E a do barão?...

—Baroneza.

—E a do embaixador?

—Embaixatriz.

Vermelha apesar do pó de arroz Dona Joanninha perguntou com voz abafada e ameaçadora:

—E a mulher do senador?... diga!

—Joanninha!

Ella bateu com o pé e disse raivosa:

—Pretende sacrificar-me á sua ambição politica?...

—Joanninha da minha alma!

—Não quero que sejas senador enquanto eu não tiver quarenta annos.

—Mas... o ministerio...

—Não quero.

O Dr. Trivial obedeceu, e certo de que nunca seria senador, porque a mulher nunca chegaria aos quarenta annos, escreveu ao ministerio declarando que não podia prestar-se a entrar na lista triplice por motivos reservados de consciencia politica.

Esse acto de desobediencia revoltou o gabinete ministerial que era severo em materia de disciplina, e que por isso na primeira conferencia resolveu demittir o Dr. Trivial de presidente de provincia, deixando-o em disponibilidade administrativa.

E nem assim o Dr. Trivial deixou de votar na camara com o ministerio, e em casa com Dona Joanninha.

Um grande bebedor em dia de Ramos levava um ramo na mão: disse-lhe um camarada: Amigo, em casa tão conhecida não é necessario ramo á porta.

Estava F. muito triste e perguntando-lhe um amigo o que tinha, respondeu que nada. —Pois então (continuou o amigo) por que estás triste?—Por isto mesmo, porque *nada tenho*.

Uma professora perguntava á uma sua discipula alguns periodos do *Padre nosso*.

«Menina, diga o *Padre nosso*.

—*Padre nosso que estás no Ceu, etc.*

«Explique-me uma cousa.

—Si eu seuber.

«Porque razão pedimos o *pão nosso de cada dia*, em vez de pedir logo para muitos?

—E' porque o pão endurecia.

Tendo escapado de uma grande enfermidade mandou um individuo pôr um painel na egreja da Penha em França, que dizia; Milagre que N. S. da Penha de França fez á N. em livral-o de quatro medicos que lhe assistiram em uma doença.

Aconselhava-se ao discreto cordovez João Rufo para voltar á sua terra, que emfim por ser sua patria se acharia melhor que em terra alheia. Respondeu elle: o homem pobre sempre está em terra alheia.

DECLARAÇÃO.

Sr. W.—O seu portador illudiu-o completamente. Si deitasse a carta por baixo da porta, seria encontrada. Ha dias appareceu um crioulo na venda fronteira dizendo que sendo encarregado de entregar uma carta, atirando-a da rua, cahira ella no telhado, o que parece impossivel; que pedindo permissão ao morador do sotão, este não consentiu a principio e que depois concedendo não lhe foi possivel achar a referida carta.

Pode remetter suas communicações; ou mandando depositar na venda ou deitando por baixo da primeira porta que encontrar ao subir da escada.

ANNUNCIOS.

No theatro ha uma sala onde encontra-se um completo sortimento de vestimentas á todo caracter, para os bailes mascarados.

Para não andar quebrando a cabeça quem precisar procure o Luiz Galvão.

Continua fugido da casa do general Muniz Tavares, desde o dia 8 de novembro do anno p. passado seu escravo crioulo de nome Pedro, com 26 annos de idade, estatura regular, rendido das verilhas, tras funda, quem o prender e conduzir a casa de seu Sr. rua do fogo, será recompensado seu trabalho com vinte mil reis, e finalmente protesta contra quem o acoitar.

Luiz de Oliveira Vasconcellos, participa aos seus numerosos freguezes, que mudou sua loja de calçado e charutos á rua Direita da Misericordia, n.º 17, para a mesma rua, loja n.º 13, defronte da Capella de S. Antonio.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 76.^a

SABBADO 18 DE FEVEREIRO.

N. 754.

Publica-se na typographia de Marques, Aristidos e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1.ª rs. por serie de 10 numeros; 5.ª rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.

PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 17 de fevereiro de 1871.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado do Pilar, reclamando contra a vida especulativa ideada por uma mulher de cor parda, de nome Umbelina, conhecida por *manan Balunce*, mora-dora aos Coqueiros dessa freguezia, para viver á custa dos incautos.

Arvorada pela superstição em advinha, curandeira de maleficios, arranjadeira de ventura, é procurada por immensidade de pessoas, entrando nesse numero embarcações, pescadores de baleia, negociantes, etc., que vão consultar a essa nova Pithonissa sobre o bom successo de seus negocios, levando a credulidade e fanatismo de alguns a nada emprehender sem primeiro ouvir a inculcada prophetisa.

Como cada um pode despender seu dinheiro da maneira que lhe approuver, ninguem tem que tomar contas de que semelhantes individuos, na cegueira da mais grosseira crença, se prestem a alimantar a esperteza de quem quer viver á custa dos tolos; o que porem é essencialmente contrario a civilisação, a moralidade e a ordem social, é que a casa dessa mulher seja o valhaconto de um enxame de mulheres mandrionas, algumas das quaes vivem em completa miseria, com uma existencia de bruto, semi-núas, de cabellos horrivelmente crescidos, e até em estado de idiotismo; ou servindo de pasto a crapula e devassidão dos adeptos da seita.

E' de crier, portanto, que S. S. logo que tenha conhecimento, procure extinguir esse foco de vicios e bruxarias.

— Capitão, estou assombrado.

— Teve alguma visão?

— Peior.

— Então o que foi?

— Os padres não quizeram celebrar uma

missa pelo repouso do finado Antonio Americo Barboza de Oliveira, porque foi mandada celebrar por spiritas. Não leu o *Diario*? Vem n'uma publicação que S. Ex. Revma. dissera que era um ESCANDALO!!!

— Mas eu vejo os africanos, quando morre um seu patricio, levarem sete noites em praticas supersticiosas, no fim dellas vão á igreja, mandam dizer missa pelo morto e d'ahi voltam para casa á dançar candomblé e comer carurú; nem por isso os padres deixam de lhes receber os 27 rs. e recitar o seu latim.

— O que vale é que o finado Barboza de Oliveira ha de receber a recompensa de suas acções segundo o uso que dellas fez cá nesta vida, e não será a falta de uma missa que o ha de privar do premio merecido.

— Jesus-Christo quando expirou na cruz foi por todo genero humano.

— Quando quererão os padres comprehender que Jesus-Christo nunca fez distincção de pessoas? Que tanto salvou a filha do centurião, como o irmão de Martha; e que no templo convidava tanto ao judeu como ao gentio?

— Capitão, ahí vem raiando o entrudo, e torna-se preciso que V. Ex. peça a policia medidas energicas, afim de que este anno não se reproduza esse grosseiro, nocivo e prejudicial abuso.

E' preciso que todos os pontos da cidade sejam policiados.

— Em Itapagipe e Rio Vermelho, etc., os amantes desse estúpido brinquêdo, levam o seu arrojo a arrombar portas para accometter as pessoas que tranquillamente estão em suas casas!

— E' preciso pois que o Dr. chefe de policia empregue todos os meios a seu alcance afim de que não tenha-se de vêr este anno, ainda a reproducção de semelhante brincadeira; é preciso que S. S. mostre aos amantes do regresso que a Bahia tem chegado quasi ao auge da civilisação.

— Pois bem; em nome dos foros da heroica terra de Cabral, pediremos aos individuos aferidos a semelhante divertimento que, inde-

pendente do emprego dos meios policiaes, deixem-se dessa brincadeira como nociva, estúpida, regressiva e prejudicial, contra a qual reclama a illustração desta provincia!

—Trago-lhe noticia de um rapto.

—Agora é epidemia reinante.

—A raptada chama-se Maria Archangela, morava no Taboão por cima da loja do Gradadeiro; consta que foi levada para os Quinze Mystérios, no dia 6 do corrente.

—Sabe-se quem foi o raptor?

—Desconfia-se.

—De quem?

—De um tal João, segundo me disse o Virgilio vindo ha pouco de Turim.

—E' preciso indagar isso com certeza, por que dado o caso que não haja para elle punição, ao menos registrando-se-lhe o nome é um meio das familias evitar um ente sobre quem pesa tão feia pecha.

—Ora, que miseria! Os soldados da guarda de palacio obrigados a fazer vida de papagaio!

—Como assim, homem?

—Hoje, quinta-feira, são duas horas da tarde e não ha agua, nem papel, nem tinta na guarda.

—Ah! é por isso que o official brada que está damnado e que vae representar.

—Com que facilidade esta gente do olho vivo se encarta em toda parte! Oh! que praga!

—Parece que a policia amnistiou os larápios.

—Na quarta feira houve leilão na loja Arara; dous insignes ratoneiros, Baião e Belmiro, fizeram proezas.

Foram porem mal succedidos na occasião em que safava Baião 700 rs. de um individuo, porque este pegou-o com a mão nos bolsos.

—E o que fez?

—Tomou o dinheiro e os circumstantes deixaram-no ir em paz com commiseração das lamurias que fez!

—Até nisso são felizes!

—Diversas irmandades religiosas congregaram-se n'um pensamento de caridade christã e de nobre estimulo a civilisação.

—Gosto de saber dessas acções louvaveis.

—Promovem uma subscrição entre seus membros para libertar do captiveiro uma criança.

—Arrancando a um filho destas plagas americanas o lafeu de escravo, essas associações não podem cumprir melhor os principios de humanidade e amor do proximo.

—Deus que não deixa sem recompensa as boas obras, abençoará mais este passo dado no caminho da emancipação do homem.

—Agora diga-me quaes são as associações, para mandar fazer menção dellas.

—São estas:

Irmandade dos Martyrios.

Rosario de João Pereira.

Conceição dos Humildes.

S. Benedicto.

Rosario da Baixa dos Sapateiros.

—Foi hontem publicada pelo juiz municipal da 3.^a vara a sentença pronunciando o Sr. Lycurgo Leonidas Martins Moscoso, baseada no art. 224 do codigo criminal.

—Faça favor de pôr-me em pratos limpos este artigo.

—«Seduzir mulher honesta, menor de 17 annos e ter com ella copula. Penas de desterro para fóra da comarca em que residir a seduzida por um á tres annos e de dotar a esta.»

—Deus queira que a justiça continue sempre assim a desaggravar a moralidade tão atrozmente offendida.

—Capitão, faz-me um favor?

—Qual é elle?

—Eu vi no bando annunciador do carnaval os mascarados em cavallo da companhia de cavallaria; dar-se-lia o caso que a referida companhia esteja alugando cavallo?

—Haviã de ser emprestimo, rapaz.

—Mas os cavallo são propriedade da nação e o baile mascarado é negocio de um individuo que quer lucrar.

—Não ha duvida.

—Assim ninguém estava authorisado a lançar mão d'aquelles cavallo para servir a particulares.

—Ora essa! Tanta gente está; o presidente, o commandante das armas, o commandante da companhia mesmo.

—Ah! favores é condescendencias!

Pois eu entendo que qualquer delles querendo fazer obsequios devem dar aquillo que for seu e não fazer cortezias com o chapéu alheio.

—Haverá inconveniencia em fazer uma pergunta ao Sr. Cardoso de Castro, muito digno, activo e pressuroso empresario do aceio da cidade?

—Sendo em termos, estou que o homem não se agastará.

—Quero perguntar a S. m. desde que é empresario, quantas vezes os carros da limpeza já passaram pelo largo da Saude?

—Ora essa! Que contra-senso! Pois o homem

ha de guardar na memoria a alluvião de vezes que seus carros tem ido catar cisco na Saude!

— Pois eu, sem ser empresario, sou capaz de responder.

— Visto isso, declare.

— Para uma vez falta a primeira. O largo da Saude hoje é deposito de lixo. No lado esquerdo da egreja formou-se uma grande montanha onde ha todã casta de immundicie capaz de corromper o ar. Aquelle logar só foi limpo quando o Sr. Costa Guimarães era empresario; os moradores que digam si depois disso já viram carroça do aceio.

— Homem, nem ao menos quando andam nos transportes de generos?

— E é um homem que zomba assim do publico que tem a arrojada sem-ceremonia de apellar para o mesmo publico, si o aceio hoje não é mais perfeito que no tempo de seu antecessor e desafia a que lhe mostrem o logar onde a limpeza não é feita!

— O contracto que concede privilegio para construcção de uma estrada *tram-road* na cidade de Nazaret, na sua verba 7.^a diz que será gratuito o transporte das malas do correio e outros objectos que não excedam de sete annos! Bem bello!....

— Havia de ser erro da impressão.

— Não é possível que o *Diario* e o *Jornal* errassem ao mesmo tempo.

— Nesse caso eu não sei que differença ha para o transporte, por exemplo, de uma carta que está tenha sete annos ou deixe de ter.

— V. vê esta terra como está?

Até agora os ladrões reservavam á noite para suas aventuras. Hoje, com o dia claro, arrombam portas; roubam e safam-se livremente!

— Na verdade inquieta semelhante estado.

— Estes dias então os ladrões recrudesceram em audacia.

Na quarta-feira arrombaram pelo quintal a casa de Joaquina Simões, africana, moradora aos Currees Velhos do Barbalho; levaram ouro, grande porção de corral em fios, 47⁰⁰ rs., 5 pannos da Costa de preço e outros objectos.

Às 5 horas da tarde uma companheira de Joaquina entrou em casa e encontrou ainda o ladrão que se retirava; assustando-se, correu para a rua gritando, tempo que teve este de fugir pelos fundos.

— Não quebrar uma pernal

— Quinta-feira foi arrombada a casa da crioula Bernardina, moradora em um segundo andar á ladeira do Aljube, pelas onze horas do dia!...

Dando-se ao negocio de cabotagem, sahiu

pela madrugada deixando em casa uma companheira de morada. Esta por volta das dez horas sahiu tambem, e sem duvida o ladrão a espreitava.

Arrombou á formão uma porta travessa, penetròu no quarto, quebrou a fechadura da arca e levou quanto havia dentro desta: ouro, dinheiro em moeda, roupa.

— E' muito arrojado!

— Na ladeira de S. Francisco furaram a parede da casa de um homem pardo de nome Manuel; enquanto um larapio dava-se ao trabalho de remover o que havia, outro proseguia no trabalho de arrombar o taboado para penetrar no pavimento superior. Acha-se indiciado neste crime o crioulo Antonio Firmo da Silva.

Em casa da africana Maria Eustaquia, ao Maciel de Baixo, entraram ás 6 horas da manhã e roubaram, alem de dinheiro, diversos objectos.

Desta boa graça é accusado João Francisco da Soledade, crioulo, menor, do arsenal de marinha, o qual acha-se mettido em processo.

— Esta multiplicidade de factos, atterra.

— Deus é quem sabe isto onde vae parar.

— Até a freguezia da Sé que era isempta destas scenas!...

— O que vale é que o respectivo subdelegado, na parte que lhe toga, tem procedido com louvavel actividade.

— Um dia por outro apparece nesta terra uma nova; agora são as esmolos para a festa de S. Benedicto.

— E' preciso a gente trazer no bolso pelo menos mil e seis centos em cobre e dar um vintem a cada pedinte.

Não ha rua em que não se seja atacado por tres e quatro crioulas.

— E não se dê!

Recebe-se pelas ventas a qualificação de *torrado, relis, pobretão*, etc.

— Eu não digo que para a celebração do culto divino não se recorra a charidade dos fieis e devotos; porem é muito abusivo que com o nome da religião se pratiquem certas minestras.

— O viver não é nada o saber viver é que é a cousa.

— Que os encarregados da festa incumbam desse trabalho aquellas que pertencem a irmandade, eu concordo; mas que lancem mão de tudo quanto é rapariga mundana e lhes entregue uma especie de tampa de boceta, o que é sinão especulação?

— Ellas aproveitam-se do ensejo para entornarem-se e andarem pelas ruas, subindo pelos

escriptorios, entrando nos armazens a desafiá-la a cubica dos apreciadores.

—E desta forma o fim apparente de um serviço a religião encobre um meio de impuros pensamentos e luxuriosas *exposições!*

—Deve ser assim mesmo; quanto mais dinheiro houver, a função será mais esplendida, haverá mais canto chão, dobrado numero de patres, muito repique de sinos, &c.

—E' tempo de acabar com certas ridiculas patacoadas improprias da pureza e simplicidade da religião de Jesus-Christo.

Certas praticas burlescas que so o interesse mercenario faz conservar.

—A proposito, leia esta gazeta da cidade de Caçapava e diga-me o que significa isso. Si não tem mais parecença de chegança do que de acto religioso.

Deixe-me ler.

«NOTICIARIO.—Para festejar o glorioso S. Benedicto no dia 29 de maio p. futuro:

Rei o irmão Benedicto, mulato escravo do Sr. commendador João Lopes Moreira, *Rainha* a irman Anna escrava do capitão Bento Pereira da Motta, *Capitão do mastro* o irmão João Portes, escravo do Sr. Fabricio Correia de Siqueira, *Alferes da bandeira* o irmão José Carioca escravo do Sr. tenente Claudino Ribeiro da Silva.»

—A criação desses grotescos funcionarios não é mais do que negocio de render.

A PEDIDO

—Muxingueiro, se encontrares por ahi o capitão da florzinha na casa do palitot, diz-lhe que venha pagar o importe das botinas que mandou fazer desde 2 de julho p. p.

—Oh! quem é esse, capitão?

—E' um que veio do sul.

—Ah!... já sei, é moço empregado no *trem de paz*.

Marco José Paulo do Bomfim, previne as authoridades que qualquer violencia que appareça contra sua pessoa não tem a quem attribuir sinão ao Sr. José Lazaro, capataz do caes de S. João, com quem ha dias teve troca de algumas palavras.

Bahia 15 de fevereiro de 1871.

Pede-se ao filho de um rico negociante desta praça, que jamais trate com maneiras virulentas e estupidas a uma pobre mulher que ha quatro annos lhe vae pedir a importancia de costuras que lhe fez; e que se lhe não pagar até o fim de março (como prometteu) então tratar-se ha deste negocio com mais minuciosidade, declarando-se o nome de

tão formidavel porreteiro, e as artimanhas que empregou para semelhante fim.

—O' Sr. porco velho rosilho, dos dentes de fora?

—Agora vou para a casa de trabalho sem prisão.

—Quero saber como é que V. sustenta sua familia com a boia e dinheiro dos infelizes.

E como paga com intrigas, falsos, e calumnias que leva ao homem que lhe monta no pescoço, de maneira que vivem aquelles desditosos soffrendo castigos de noite e de dia; principalmente os que não lhe querem fiar a boia e emprestar dinheiro?

Va roubar no inferno, Sr. porco velho endiabrado. Si não emendar-se, juro por S. João da Matta descobrir-lhe o nome.

E Vm., Sr. homem que monta no pescoço, é donatario dessa casa? de quem herdou-a? Estes infelizes não são filhos de Deus? Como Vm. os massacra e os trata com chingamentos e judiações de toda forma, ha dous annos? Muitos até tem sido victimas dos castigos. Mas o culpado é quem lhe empregou ali sabendo do seu mau genio, assim como as authoridades que recebendo todos os mezes cento e tantas queixas não dão providencias, nem escutam os gemidos de tantos infelizes, assim como o infeliz Julio condemnado a reclusão perpetua que a um anno requer pedindo seu regulamento e nada de ser attendido.

Até amanha.

ANNUNCIOS.

Collegio Dous de Julho.

O director deste estabelecimento, á rua dos Algibebes n. 11 (por cima da loja Atalaia), faz sciente que acham-se abertas as aulas do mesmo desde 16 de janeiro.

Vende-se, ou arrenda-se a fazenda denominada—Curral, situada na villa de Itaparica: para informações no loja de charutos n. 40, á rua do Julião.

Na venda n. 1, á ladeira do Castanheda, deseja se fallar ao ex-sargento do 14.º batalhão de linha Delfim Pereira Maciel.

Viva a Pandegal!

Rapazeada! O café *Les Deux Amis* contando com a não desmentida frequencia do publico, no seu estabelecimento preparou em boa ordem o accessorio do mesmo para melhor acaatar os seus visitantes.

Typ. de Marques, Aristides e C.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 76.^a

QUARTA-FEIRA 22 DE FEVEREIRO.

N. 755.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 47.

ASSIGNATURAS:—1\$ rs. por serie de 10 numeros; 5\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 21 de fevereiro de 1871.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, chamando sua attenção para a falta de segurança que ha na ladeira do Cabula, onde actualmente tem sido assaltadas pessoas que vão da cidade com generos, assim como ganhadeiras que vão por alli comprar fructos e legumes para negociar.

Espera-se que S. S. se dignará dispender um pouco de sua previdente attenção para tão importante ramo.

Portaria ao fiscal de Sant'Anna, ordenando-lhe que depois de examinar os quintaes das casas á rua da Poeira, de n.º 28 em diante, passe á intimar aos respectivos moradores para que mandem limpar a grande quantidade de esterquilinio; assim como que não continuem a fazer despejo nas bananeiras, sob pena de serem multados. Cumpra.

—Contra o foro de illustrada applicado a esta terra, oppõe-se eloquentemente o aviltante spectaculo de uma mulher que transita pelas freguezias de Sant'Anna e Brotas mostrando em volta do pescoço um grosso arco de barril ligado por comprida corrente que, descendo pela cintura, vem prender-se a um dos tornozellos.

—Tortura que só serve para attestar crueldade; como pena não corrige; degrada.

—E' escrava. O senhor mora nas Pitangueiras.

—Porém si somente pôr effeito de uma condemnação é que se pode applicar ferro ao pescoço de uma creatura, como é que o senhor desta desgraçada se julga authorisado a expol-a publicamente em tão ignominoso estado?

—Cousas de nossa terra!

—Capitão, tenha compaixão deste pobre menino.

—Quem é elle?

—Um infeliz. Não vê o estado miseravel em que anda?

—Quem são seus paes?

—Não sei. O que me consta é que está entregue em uma casa á rua do Bispo; a dona da casa trata-o desprezivelmente e dá-lhe pancadas sem dó e a cada passo! O clamor da vizinhança é geral.

Um menino livre que podia aprender um officio, e para o futuro ser um membro util da sociedade, criado como escravo a troche e moche!

—Eu vou communicar ao chefe de policia e ao juiz de orphãos; o diabo é V. não saber a casa.

—Perto de uns estudantes.

—A casa dos estudantes é no numero quatro, por abi pode se saber.

—Uma das condições de salubridade em qualquer centro de população, é sem contestação o aceio das ruas.

Mas aqui paga-se dinheiro e as ruas ficam porcas.

—Não diz assim o encarregado desse serviço; por toda parte apregoa a excellencia de sua competencia na materia.

—Os factos estão abi para tapar-lhe a bocca.

No largo de S. Bento, proximo ao mercado, existe um cano que o desmente completamente.

A quantidade de esterco, as substancias organicas, os animaes em decomposição á borda do dito cano, empestam o ar com a emanação pestilencial que exhala; quem passa por perto recebe pelas ventas um aroma de tontear.

—Mas si elle teima em dizer que tudo anda no melhor estado de aceio possivel, quem lhe pode ir ás mãos?

—Depois que os larapios reconheceram a impotencia da policia para refrear-lhes a audacia, não ha mãos a medir!

—Ha casos novos?

—Por hoje dous.

—Esse pouco.

—Na quinta feira entraram em uma casa á ladeira de Santa Theresza ás 6 horas da manhã.

—E' gente que o sol despontando não a pode taxar de preguiçosa!

—Como á casa era escolastica, só acharam roupa para levár.

—Isso mesmo serve-lhos.

—Em dias da semana passada, a Sra. D. Leopoldina Carolina de Jesus, moradora ao Papagaio, indo á sala de sua morada, ouviu rumor no quarto da frente; persuadiu-se ella que era um escrava que arrumava alguma cousa. No cabo era um gatuno que entrou chava o que podia e que logo que ella virou ás costas, sahiu por onde entrou, bem dizendo a sua estrella.

—Ninguem quer pegar na vara da subdelegacia de Santo Antonio.

—Então está acephala?

—Esteve perto de oito dias; o subdelegado em exercicio pediu demissão e os mais exoneraram se por si mesmos.

—Esse negocio cheira a despeito.

—Si havendo tantas authoridades acontece tantas cousas, quanto mais em uma freguezia repudiada!

—Dizem que nas maxambombas fazem disto:

Chega o fim do mez, um caxeiro vae receber seu ordenado, mas vê que parte d'elle é absorvido por multas.

Procura saber as faltas que commetteu para lhe passarem assim o lepos em seu suor; a resposta que lhe dão é mandarem-no tomar fresco na correccão!

—Boa minestral

—Ha mais isto:

Um boleeiro é recrutado; vae á inspecção os medicos o acham incapaz por causa das ulceras chronicas de que suas pernas são machetadas.

Mas agora que é empregado da companhia, tendo de receber o salario de seu trabalho de um mez, o encontra quasi devorado pelas impiedosas multas.

O homem reclama da legitimidade dellas e clama da injustiça que lhe fazem; sem perceber que um dos gerentes resguardado pelas paredes de um quarto ouve suas queixas. D'ahi á pouco é portador de uma carta; pela pessoa a quem era dirigida, outro mais avisado do que elle teria desconfianças.

A carta não é mais do que um capitulo de accusação contra o pobre portador, o qual,

como se costuma dizer vae com seus pés entregar-se na ponta da faca.

—Soffrer pelo que é seu!... E' duro!

—E a sciencia medica que da primeira vez opinara que o homem era inutil por seus soffrimentos, desta vez affirmou em fé da sua authority que está nas condições de ser um optimo naval para a armada imperial, embora ainda exista o mesmo mal que padecia!

—E tudo mais é assim; so não se fazem as cousas quando não se quer.

— Quem, na noite de sabbado, passava de 11 horas em diante pela ladeira do Alvo, parava estupefacto ante uma scena estranha que se dava no sobrado n.º 73, pertencente ao negociante Pedro Celestino dos Santos.

Parecia que as habitações daquella rua desabavam, e que a essa immensa catastrophe applaudia uma vozeria de furias infernaes.

—E o que era então?

—Dez ou doze individuos, livres e escravos, serventes de obra, que reunidos na mencionada casa pertubavam o socego naquellas horas consagradas ao repouso, com descompassados gritos, batimentos de pés e de paus sobre o soalho.

As familias correram aturdidas para as janellas, quem passava e parava surpreendido, recebia agros insultos. Não havia phrase por mais indecorosa e obscena que o echo retumbante daquella horda desenfreada não levasse aos ouvidos da castidade; o morador da loja viu-se na necessidade de abandonar a casa e ir abrigar-se á morada de um visinho.

Só as quatro horas da manhã serenou o descomedido procedimento da *clarque*, sem que até a essa hora apparecesse quem da parte da authority os intimasse a socegar.

—E o que deu causa a tão insolita algazarra?

—O proprietario está reedificando a casa; nesse dia assentou a cumieira e o mestre da obra, o carpina José Victor, deu *alviçaras* aos trabalhadores, tendo a imprudencia de deixal-os pernoitar na propriedade em concerto.

—Si elles contassem que a policia podia interrompel-os no seu infernal alarido, não seriam tão arroçados.

—Para distinguir as mulheres dos homens no baile de mascaras, fez-se uso do 5.º sentido corporal.

—Apalpavam!

—Exactissimo; quem queria ser tido por mulher havia de consentir que lhe revistassem o seio.

—Tambem era o meio infallivel de evitar enganar.

—Está me parecendo que no uso adoptado entrou seu tanto de sensualidade, por que pelas orelhas também se differença o homem da mulher.

—Está uma commissão que muita gente aguará por se incumbir della.

—Graças a circumspecta exactidão com que os porteiros procediam a vistoria, não houve queixas de que na experiencia se desse equivooco com os outros sentidos corporaes.

—O entrado este anno foi um pouco mais moderado.

—Menos no terceiro dia que esteve desabrido.

—Nas ruas onde abundam meretrizes principalmente.

O mais intoleravel foi a insolencia dos moleques, forros e captivos, a emplastar a cara de quem transitava com bananas podres, farinha do reino diluida em ourina, lama, gesso, etc.

—Os serventes das maxambombas fizeram proezas na rua de Baixo.

—Tambem no Maciel de baixo quizeram que um inofensivo velho, para não levar gesso pelas bitaculas, se ajoelhasse aos pés da suezia; como elle achasse pezada a imposição, commutaram na em passar tres vezes em continencia, de chapéu na mão, pela frente delles.

Os que assim praticaram não eram da pelle preta.

—E por ali ha de ter havido muita cousa; deixe ir chegando as communicacões de seus agentes que V. Ex. verá.

—Vederemo e dopo parlaremo.

—Em aditamento as noticias do entrado:

Segunda feira passava pelo Sangradouro uma mulher alagada em suor, arfando debaixo de um pesado carregão de jacas que fóra comprar para seu negocio.

Um indiscreto teve o estouvamento de despejar-lhe um pote com agoa. A mulher, furiosa, atirou o carregão ao chão e lançou se sobre o imprudente com uma faca.

Felizmente nem o banho causou-lhe dano, porque não pegou em cheio, nem ella o conseguiu feril-o porque lhe obstarão.

—E digam que o entrado não é funesto.

—Pela rua d'Ajuda passava um homem suado; a moradora do n.º. 35, A. despejou-lhe uma bacia d'agoa.

No accesso da raiva puchou por sua faca, e a desgraça seria certa si não é tanto aqueta, aqueta.

—Isso de faca, hoje muita gente traz a sua.

—No Caes Dourado, o famigerado Caboclo

destinou o dia de domingo para molhar exclusivamente gente de pano da costa, e segunda feira para chales e vestidos.

Na hora porem em que a policia o foi prender não molhava a ninguem. Fez-o por insinuação de um vendelhão.

—Mas a policia também jogava laranjadas para as casas das meretrizes.

—Caboclo resistiu e um soldado cutilou-o de reflexo, vindo o homem para o hospital no deshonesto estado de nudez completa, desde o Caes Dourado, e com o corpo todo ensanguentado.

—Caboclo é um insolente, um desalmado e deve ser punido com as penas da lei; mas o procedimento do soldado é altamente criminoso, não só para com o ferido como para com o povo á quem desafiou e insultou desabridadamente.

COMMUNICADO.

Aos brasileiros, que, residindo ou tendo residido em Portugal, não renegaram sua patria.

I.

E' sob esse endereço que vamos hoje encetar uma serie de artigos em resposta a um opusculo, publicado na cidade do Porto pelo redactor do *Salamalek*—Urbano Loureiro, em que as maiores calumnias e aleivosias são torpemente irrogadas ao Brasil, em consequencia de haver o nosso consul geral n'aquelle paiz dirigido uma carta ao mesmo redactor, repellindo de modo mui honroso as phrases por demais inconvenientes e grosseiras, com que fóra analysado n'aquella folha o grande e esplendido triumpho obtido pelos brasileiros contra o governo do Paraguay, e que puzera termo nas margens do Aquidabam á tão renhida e gloriosa lucta.

Bem a pezar nosso, vamos entrar na apreciação d'esse opusculo, bem contra nossa vontade vamos submettel-o ao cadinho da analyse judiciosa e sensata, a surpresa, porém, de que ficamos possuidos, e a indignação que nos causou a sua completa leitura, a isso forçosamente nos obrigam.

Com effeito não ha negal-o, e nem resultado contrario poderia ter lugar em tão grave conjunctura.

Nós, filho do Brasil, brasileiro de direito e de facto, jamais poderíamos ficar impassivel á vista dos doestos, com que irreflectidamente nos quiz mimosear o filho de uma nação, que se diz nossa amiga e irman, e que figura, como redactor de uma folha, na arena jornalística.

O Brasil ainda está muito novo no quadro das nações civilizadas do mundo; muito ainda aspira, pode, e quer; qual novo Prometheu, vã sempre em busca dos grandes commettimentos; firmada a sua autonomia e independencia sabe garantir e fazer respeitar os seus fôros de livre, maxime quando a sua deturpação parte de uma nação corrupta e podre pelos vícios, que a vae cada vez mais minando e corroendo na escala ascendente da desmoralisação.

Necessariamente, (e todos hão de convir) o *nobre* redactor não soube o que escreveu, não ponderou nas proposições, que aventava, e muito menos percebeu o seu valor e significação, ao contrario abster-se-hia de dar publicidade a tão nojento pamphleto, a tão descommunal desarasoadado.

N'isso não pode haver contestação alguma, a irreflexão e a má indole foram a base de tanta audacia, e de tão brutal atrevimento.

Mui embora no seu cerebro fermentasse algum preconceito mau contra o Brasil, embora da sua parte algum despeito se fizesse resentir, todavia o passo, que dera, não pode achar razão de ser ante a verdade das cousas.

Convinha, porém, a um portuguez injuriar publicamente ao Brasil, era preciso a todo transe que o filho de Portugal calumniasse a um povo amigo, a urgencia imperiosamente reclamava, e o *nobre* redactor o fez, o cumpriu, nada o deteve em tão feio plano, consideração de ordem alguma o inhibiu, saltou por todas as conveniencias sociaes, satisfez em summa o seu genio, exhibindo d'est'arte o maior corpo de delicto do seu aviltamento, descaro e corrupção.

Não importa: tão vil como a propria injuria que irrogava, tão baixo como a propria calumnia que pretendia assoalhar—tal desenhou-se fielmente o *digno* redactor: baixeza e vileza—eis os seus caracteres moraes, eis os dotes distinctivos de sua consciencia.

A verdade, porém, ha de reagir contra todos os obstaculos, suplantando a mentira e a maledicencia, ha de apparecer radiante e de viseira erguida ante a fulgurosa luz da mais completa evidencia.

Ficará assim desmacarado o folliculario impudente, o libellista atroz, o pamphletario corrupto e venal, e qual outro leproso dos tempos antigos, esconderá o semblante pela hediondez do character e torpeza do todo.

O epitheto de critico infame lhe será dado pelas gerações presentes, e a posteridade, sempre justa em seus juizos, lançará o anathema da maldição sobre a memoria d'aquelle, que desconhecendo a hospitalidade e o agasalho que o povo brasileiro concede ao estran-

geiro, maxime ao portuguez, lança-lhe á face o maior dos labeus, o labeu da *infamia*.

Aqui ficamos: no proximo artigo entraremos na analyse franca e leal de suas asserções, dando *inextenso* alguns paragraphos, que pintam a mais não desejar-se o horror de tão ignobil penna.

Mario.

A PEDIDO

—Na companhia das bomba-machas não pára caixeiro! De semana em semana ha mudança. Será por causa de não completar os 30 dias e receberem o salario?

—Não; parece-me que é por causa de um novo gerente que ha.

—Qual é?

—Um onça que assovia. Quando os caixeiros entram o onça quer entrar com elles de gorra, e como não consegue faz com que sejam despedidos e é attendido.

—Safa! que onça! já não passo mais por lá!

—Peça á S. Leoncio que lhe guarde as costas.

—Muxingueiro, desce pela ladeira da Gamleira.

—Por outro logar não serve, capitão?

—Ouve o que eu digo e executa.

Caminha... caminha, ate onde te der a preguiça.

Ahi indaga onde é a venda de um gallego de nome Manuel, tão ladrão que ja sahio do ventre da mãe roubando.

Logo que acertes com a baiúca do bruto, mette-lhe um freio na b-cca, e traze-o á bordo deste navio, onde é mui necessario a sua presença para explicar a quem comprou a grande porção de carne que em certa noite foi desavada de um saveiro para dentro da sua cova.

Assim como tem de dar explicação da procedencia de certos volumes de assucar, fumo e algodão que somente á noite entram pelos fundo da referida cova.

Adverte á esse animalejo que si elle só não for habilitado para dar explicações traga o seu compadre grego.

ANNUNCIOS.

Pede-se ao sargento do corpo policial, que ha muito não passa pela ladeira de S. Francisco, o obsequio de chegar na venda sita a mesma ladeira para receber uma encomenda.

O ALABAMA

periodico critico e chistoso

SERIE 76.^a

SABBADO 25 DE FEVEREIRO.

Ns. 756—757.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e C., becco do Arcebispo, esquina da rua do Collegio, 17.

ASSIGNATURAS:—1\$ rs. por serie de 10 numeros; 5\$ rs. por seis series; folha avulsa 160 rs.
PUBLICAÇÕES.—Preço convencional.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*, 24 de fevereiro de 1871.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, communicando-lhe a seguinte queixa de Francisca Moreira, da cidade de Santo Amaro, para que S. S. se digne providenciar, como entender de justiça.

Um irmão da queixosa, casado nesta cidade com Angelica de tal, depois de desprezar a mulher por uma barregan, a quem em seguida abandonou tambem, seduziu e deflorou a menor Laurentina, irman de um voluntario da patria, que nesse tempo achava-se no sul, e para escapar a acção da justiça fugiu para Santo Amaro e refugiou-se em casa da queixosa. Ahi teve a perversidade de deflorar sua sobrinha Felismina, filha da queixosa, usando para isso de violencia, como fosse espreitar a occasião em que ella teve de ir á beira do rio, ahi agarral-a e forçal-a, deixando-a pejada; escamando-se outra vez para esta cidade, logo que percebeu que o estado de gravidez da menina tornava-se visivel.

Sendo esse individuo desprovido de recursos para dotar a offendida e não podendo usar da reparação conjugal por ser casado; tendo além disso uma vida errante, sem occupação ou meio de vida licita, apezar de ser marceiro, espera-se que S. S. lançando mão delle o mande supprir um dos claros que no nosso exercito, deixou a guerra do Paraguay.

—Amanhan, ás 10 horas, deve reunir-se extraordinariamente a assembléa geral do *Monte-Pio dos Artífices* para tratar de medidas urgentes e importantes a beneficio do mesmo *Monte-Pio*. Segundo a disposição dos estatutos são precisos 25 socios, pelo menos, para essa reunião.

—Veja como o homem do aceio limpa o largo da Saude.

—Systema de abreviar.

—Um carroceiro vem ajuntar o lixo aqui e ali, deita-lhe garranchos seccos de mamona e accende *coivaras!*

—Aceio porco; os montes de cinza ficam ahi.

—E a quantidade de materias putridas? E o cisco mesmo? O carroceiro só ajuntou pelo alto.

Ora, assim é melhor metter o dinheiro na algibeira sem fazer nada!

—E o homem não dá cavaco!

—Como? si elle julga que *todo mundo é seu?*

—Do sobrado n. 17 á rua do Julião jogaram sobre um menino agua fervendo e pellaram-no.

—De proposito?

—Excessos do entrudo; uma crioula, escrava, teve esta extravagante lembrança.

—Ficou muito offendido?

—Gravemente. O chefe de policia mandou prender a offensora e seu senhor Estevão Pereira Souza Cunha.

—Pagar o mal que não fez!

—Tambem na rua do Saboeiro brincou-se entrudo com agua quente.

—Capitão, venho communicar-lhe um caso que acabam de narrar-me.

—Vá aviando-se.

—D. Izabel Joaquina de Moura Camara, passou carta de liberdade, no anno de 1854, a suas crias Joanna e Ursulina, filhas da parda Maria Apolonia, as quaes ficaram em poder de seu cunhado Bernardino Gomes de Argollo, que residia em Santo Amaro, no engenho—*Gurgaya*.

Vindo D. Izabel á esta cidade, falleceu e, depois de seu fallecimento, Bernardino vendeu Ursulina a Francisco de Argollo, a qual se acha hoje em poder de sua viuva D. Emilia de Argollo, residente no Trapiche de Baixo, onde conserva-se como escrava.

Tempos depois Bernardino vende Joanna á Alexandrino de Argollo; este a Pinheiro, e est'outro a José Vicente Tourinho que, vindo

2
 a esta cidade, trouxe Joanna em serviço de uma sua filha.

Felisberta, tia d'aquellas, sabendo que aquí se achava uma de suas sobrinhas reduzida á escravidão, corre á policia e pede providencias, obtendo do Dr. chefe ser Joanna recolhida á casa de Correccão.

No dia 14 de janeiro, querendo retirar-se Tourinho para Santo Amaro, requer á policia a soltura de sua escrava, apresentando titulo de dominio.

O Sr. Malaquias José dos Reis tendo sciencia do facto, dirige-se á policia e toma esclarecimentos; depois d'isto deu-se ao trabalho de procurar pelos cartorios si de facto estavam passadas em notas as cartas de liberdade d'essas infelizes.

A verdade não se fez esperar. As cartas de liberdade d'essas victimas da oppressão estavam passadas em notas; o Sr. Malaquias tirou d'ellas certidões, tomando a seu cargo a defeza d'essas desafortunadas brasileiras!

—Que miseria, meu Deus!.....

—No sabbado 18 do corrente, o honrado Sr. Dr. juiz municipal da 3.^a vara, mandou pôr Joanna em liberdade.

—É a pobre da Ursulina?

—Consta que o Sr. Dr. chefe de policia requisitou ao delegado de Santo Amaro a captura d'ella, mas é de presumir que continue no captiveiro, porque, quem sabe, talvez já tenha tido algum destino.

—Engana-se; o vapor vindo hontem de Santo Amaro trouxe a seu bordo á Ursulina, que veio remettida ao Dr. chefe de policia pelo delegado d'aquella cidade.

Nós temos hoje a frente de nossa policia um magistrado grande e nobre no cumprimento de seus deveres policiaes!

—Mas, capitão, as cartas de liberdade d'essas infelizes achavam-se em poder do Sr. tenente coronel Saldanha, que depois as entregou ao Dr. promotor Pedro Caetano, e desde esse tempo (ha mais de dous annos) a policia tem conhecimento do facto barbaro e criminoso que acabo de relatar!....

—Em todo caso, esperar não é desesperar —esperemos.....

—Contaram me que a Santa Casa reedifica um predio no Guindaste dos Padres; e que abrindo-se nas paredes novas portas, aquellas racharam de alto á baixo.

—Facto comesiinho.

—Porém, dizem, que em vez de serem logo arriadas, mandaram deitar cimento nas rachaduras e deram o edificio por seguro.

—Assim não; ha perigo para a vida do publico; a montanha pode desabar e sepultar a

immensidade de viventes, que transitam pelo lugar.

—Calamidade que pode ser evitada pela camara municipal, si quizer obrigar á Santa Casa a concertar sua propriedade com as condições de segurança.

—Verificando primeiro si o que lhe contaram é exacto.

—Dizem que as pedras arrancadas de certas ruas que se calçam de novo, são depositadas no edificio do aceio publico.

—Não sei disto.

—Nem eu. Digo o que me contaram.

—Por ser fallador.

—A ser exacto, desejava saber si esse homem é tambem empresario das pedras da cidade.

—Dias e dias não ha choro na cathedral.

—Na semana que passou houveram dous dias de falta; em um delles a igreja abriu-se e fechou-se sem apparecer um conego! No domingo o mesmo!

—Levam aquillo em ar de chalaça.

—Bom exemplo para manter e animar o culto divino, plantam elles!

—Assim tornam-se em apóstolos da descrença.

—Inexcedivel austeridade no cumprimento de deveres é a desses meus senhores.

—Que quer? Si elles vão ou si não vão ao choro, a cousa é a mesma.

—E até dizem que depois da viagem de S. Ex. Revma. á Roma, alguns se julgam com direito a certas benevolas contemplações.

—Segundo o *Diario de Noticias*, em casa do celebre *Juca Rosa*, o feiticeiro que no Rio de Janeiro vendia fortuna a quem quizesse *levantar a cabeça*, pelo preço de 500\$ rs., encontrou-se um templo horrivel levantado a um monstruoso fetiche, no qual celebrava-se uma especie de liturgia tão extraordinaria e tão abominavel que o incenso era queimado dentro de craneos humanos, de mistura com gottas de sangue de gallo preto ou cinzento.

—Onde acharia elle esses craneos?

—O idolo a quem eram tributadas essas sacrilegas oblações era appellidado por *Manipanco*.

—A nomeação de certa individualidade para a supplencia de uma subdelegacia, serviu apenas para dar garantia e incremento á uma banca de monte, onde a nova authoridade faz o papel de banqueiro.

—Nem por isso deixaram os meninos de no sabbado lambem-lhe *duzentos paus*.

—E com que gente joga elle!

—O olho-vivo pode trabalhar a seu gosto daquellas bandas.... os banqueiros gostam de *parceiro* com dinheiro.

—Os cegos teem-se multiplicado em uma proporção notavel de tempos para cá.

Por toda parte por onde anda-se, ouve-se a monotona supplica: «—esmola a um pobre cego.»

—Andam até familias inteiras de cegos esmolando.

—A proposito de tanta cegueira, é preciso contar uma anecdota como advertencia á que todos se precavenham para não serem illudidos pelos especuladores.

Sabe-se que fingir-se cego é uma agencia que deixa algum proveito e portanto não admira que haja muito quem queira parecer cego para ter uma vida folgada. Comtudo é uma industria que precisa saber bem desempenhal-a.

Lá vae a anecdota:

«Um dia o cego Arlequim acotovelava a multidão e dirigindo-se para um individuo disse:

«—Senhor da casaca azul e botões amarellos, uma esmola ao *pobre cego*, pelo amor de Deus.

«—O' gaiato, respondeu-lhe o homem, si tu és cego, como viste que eu estava de casaca azul e botões amarellos?

«—Quando disse ao *pobre cego*, enganei-me, replicou Arlequim, o que eu quiz dizer foi—Sr. da casaca azul e botões amarellos, uma esmola ao *pobre mudo*.»

—Era mudo e fallava!

—Alguns caçadores andando no domingo caçando pelos mattos de Pirajá, encontraram seis individuos fardados e armados de reffes.

Parece que o motivo que os leva a procurar o matto é unicamente para esquivarem-se do serviço militar, porque sendo elles em numero superior aos caçadores, logo que os viram deitaram a correr, deixando todos os pretrechos, menos as armas.

—Comtudo não é bom fiar no cão que manqueja.

—Dizem que a um dos moradores do predio n. 19 á rua do Julião pertence uma imagem de soffrivel tamanho, a qual por estar estragada, existe atirada a um canto, no corredor da escada, como traste sem serventia.

—Signal de que mesmo entre os santos ha infelizes.

—Ora, estou certo que, emquanto essa imagem esteve nova e pintadinha, foi objecto de adoração e devoção de seu possuidor, ou pelo

menos figurou como movel para ornar-lhe a sala, mas hoje que a mão do tempo estragou-lhe as tintas, apodreceu-lhe a madeira, é abandonada como cousa superflua!...

—E o mundo é assim; só aprecia pelas apparencias.

O seculo hoje é o grande reflector do egoismo humano.

—Mas esse homem que é catholico, religião que admite o culto das imagens, elle que tem filhos a educar, dá lhes um exemplo de impiedade, conservando tão despresivelmente a imagem de um santo.

—O Sr. Gustavo Inquilino Pessoa, no sabado á noite indo para sua roça, foi atacado por tres ladrões.

—Em que logar?

—Na ladeira do Cabulla.

—Por lá não admira; aqui mesmo dá-se disto.

—Comtudo é bom prevenir ao chefe de policia.

—Já se tratou disso.

—Os moleques desastrados, os meninos ociosos, vivem pelas ruas fazendo mil diabruras. Jogam a dinheiro pelos corredores das casas e nas praças publicas. Os soldados de policia presenciam e vão andando.

Os decrepitos e indigentes são atanzados por elles, as familias ouvem pbrases que offendem o decoro e a castidade. Para esses não ha correctivo!

—Muitas vezes são até applaudidos.

—Um menino livre, que recebe educação regular, entregue a um mestre, indo a mandado deste é espancado abusivamente!

No dia 23, junto ao edificio do aceio, á vista do capitão Braga, um soldado deu muita chibatada em um menino, e quebrou-lhe uns pratos que levava. Além de nada ter feito o menino para receber tão aviltante tratamento, achava-se com um braço deslocado suspenso por um lenço.

—Nestes agentes da força publica em vinte se pode tirar um que saiba desempenhar suas obrigações.

—Dizia em tom vibrante um soldado de policia no Caes Dourado no dia em que espancaram ao *Cabocto*:

«Assim ha de ser o *maroto* Braga no dia em que elle *trastejar*; hei de levar-o a estouro de espada até dentro da policia.»

—Que pacificas intenções nutre a respeito do homem esse agente da ordem publica!

—A tenacidade com que os larapios defraudam a propriedade alheia, denota que da

parte delles não resta o menor vislumbre de receio de punição.

As façanhas consecutivas, quotidianas, praticadas á luz do dia pelos gatunos parecem ineríveis!

Nelles já não ha temor de perseguição, por que após uma tentativa commettem logo outra.

Parece que os repetidos casos que se tem dado recentemente, os devia atemorizar de que a policia despertada, andasse á pista delles e por isso moderassem um pouco.

Completo engano! Animados pela impunidade redobram de gana!

—Essa audaz frequencia de latrocinios, presagiam attentados de maior gravidade.

Um crime precede a outro.

Quem diz que depois dos meios de subtilidade e subterfugios não são capazes de lançar mão do assalto á força bruta para maiores emprezas?

—A policia fecha os olhos e os factos se reproduzem.

Ha poucos dias penetraram em casa do Sr. Manuel da Costa Sol, á ladeira do Alvo. Enquanto a familia permanecia no sotão e o chefe da casa em seu quarto de dormir, os ladrões deliberavam dentro da casa como si fosse sua; arrumavam o que havia e levavam consigo.

—E' preciso bradar até ser ouvido por providencias e que estas sejam energicas.

—Fallam que no correio ha empregados que faltam durante o mez quatorze e deseseis vezes.

Não garanto a affirmacão; mas sendo como so diz, é inquestionavel que o serviço ha de tornar-se oneroso sobre os que são pontuaes.

—E além disso vae-se o suor do povo por agoa abaixo.

—Não sei o que faz um gallego conversando com uma joven, depois que fecha a taverna.

—Aonde viu V. isso?

—Na rua por onde transitam os capitães.

—Muxingueiro, dirige-te a rua mencionada aqui pelo Sr. e traze á minha presenca o tal gallego, pois bem pode ser que esteja ali envolvido algum mysterio de seducção.

—E' sem demora, capitão.

—O interesse mora na porta da rua das acções humanas.

—Sem dinheiro nada se faz.

—Aos deveres mais sagrados; ás intencões mais puras, sotopõe-se o ignobil interesse.

Ora, um padre, por exemplo, é chamado para celebrar um casamento.

Trata-se da consummação de um dos sacramentos instituidos pela egreja, de realisar um estado que a sociedade adopta e recomenda; e além disso nesse casamento está a reparação da honra de uma moça seduzida. Julga V. que o ministro sagrado se presta a concorrer pela sua parte para completar essa obra toda boa? Illude-se. A primeira cousa que pergunta antes de começar a cerimonia é: — «quem me pag?!...»

—Mas V. falla isso vagamente ou tem applicação a alguém?

—Não vamos adiante; paremos ahí.

—Revoltava ver a maneira descommunal porque os soldados de policia espancavam, segunda-feira no Caes Dourado, ao individuo conhecido por Caboclo.

Caboclo é dotado de maus costumes, seus feitos revelam indole pervertida, sabe-se bem; mas a lei antes de tudo. Os precedentes não authorisam a brutalmente trucidar-se a um homem inerme, que se acha sob o dominio da força sem resistencia. Tres soldados de reflex desembainhados, pareciam dominados por um furor canibal contra aquelle miseravel. A lei é quem pune os delinquentes e não a força bruta. Desde que Caboclo não tinha armas consigo para resistir, havia necessidade que os agentes da ordem desembainhassem seus reflex para maltratar e ferir a um homem unico, sendo elles em numero de seis ou oito?

—Não querem fazer conter esses homens nos limites de seus deveres, e os desatinos irão em augmento. Amanhã serão capazes de desfetear a um homem pacato e morigerado.

—Capitão, consta que hontem, em um dos bonds da compadhia de Vehiculos, um rapazinho saltando precipitadamente, com o bond correndo, passram-lhe as rodas sobre um pé, deixando-lhe os dedos esmigalhados!

—Imprudencia.

—Capitão, o Sr. F. de Paula Pereira da Costa obsequiou a tripolação com um exemplar de suas *Lgrimas e Suspiros* que acaba de publicar.

E' uma collecção de poesias que revelam muita inspiração e talento da parte de seu author.

—Agradeça-lhe em nome da tripolação; e faça-lhe saber que toda ella anhela para que sua producção seja coroada de feliz exito, que o anime a proseguir na carreira litteraria.

—Na ultima noite do carnaval apparece

um sujeito jocosamente caracterizado a corcunda e de estampilha no chapeu.

Os moleques entenderam tomar conta do mascara, e dentro do saguão do theatro deram-lhe cacetadas, pedradas, etc.

—Que desaforo!

—O mascara desesperado trancafiou tambem o chicote n'elles.

Por fim safou a mascara, desafiou um sujeito que tomou o partido dos moleques, e ia havendo *agua de varrella* si alguem não trata de accommodar as cousas.

E a policia presencou tudo isso impassivel!

COMMUNICADO.

Aos brasileiros, que, residindo ou tendo residido em Portugal, não renegaram sua patria.

II.

Em maio do anno proximo passado, recebia em Lisboa o nosso consul geral o Sr. Manuel de Araujo Porto-Alegre o n.º 11 do *Salamalek*, folha publicada no Porto, e que o seu redactor Urbano Loureiro houve por *defferencia* enviar.

As mais aleivosas insinuações estavam estampadas n'esse periodico com o unico fim de desprestigiar-se as duas notas officiaes, dirigidas pelo illustre general Camara, (hoje visconde de Pelotas), ao nosso governo por occasião do brilhante feito, que dera tão glorioso desenlace ás nossas armas nas sempre memoraveis margens de Aquidabam.

Logo após mandou o nosso consul geral uma carta, em a qual agradecia á mesma redacção a *delicadesa*, que tivera para com a sua pessoa, tendo em resposta: que a redacção nenhuma parte tomara n'aquelle endereço, visto que si assim o fizesse, teria tambem enviado o n.º 10 da referida folha, como agora o fazia; notando se porem que o n.º 10 já trazia em visos de grande apparencia o preludio das machinações posteriores. E de quem partiria tal offerenda a não ser da propria redacção? *Tolhitur questio.*

A leitura d'estes dous numeros despertou no animo do nosso consul a mais viva desesperação, e no auge da indignação fizera partir pelo correio seguinte outra carta, em que já não simulava o desprezo, ao contrario repellia, em linguagem assaz viva e em termos quasi analogos a, affronta, que se lhe fazia; como representante de uma nação, que entretinha com outra as mais cordeas relações de amizade, e de mutuo respeito.

Em verdade grande e infundado era o acervo enorme de protervias e disparates, que estava

consignado nas linhas d'aquella folha, porquẽ então longe e bem longe estava do espirito do nosso diplomata dirigir aquella missiva em termos tão frisantes e severos; a sua fina e alta educação, a polidez dos seus costumes e maneiras, emfim a sua posição de grande funcionario junto ao governo do rei fallam bem alto em abono do seu caracter.

Eis a carta como era concebida:

«Lisbõa 18 de Maio de 1870.

«Senhor Loureiro.—Acabo de receber a sua carta de 17, e com ella o n.º 10 do *Salamalek*, em que veem novos insultos ao Brasil e aos brasileiros!

«Não me admira que no logar onde se tem reunido grupos de falsarios, ladrões da fortuna publica do Brasil, venha tambem a campo um ladrão da sua gloria.

«Senhor Loureiro, olhe para a Africa, e cale-se; tenha vergonha si a pode ter. Não insulte os valentes e generosos brasileiros, e nem os portuguezes amigos agradecidos d'aquelle hospitaleiro imperio, destinado pela Providencia para guarda de todas as velhas glorias d'este pobre Portugal, hoje victima de alguns traidores, que teem o coração na algibeira.

«As nações não se regeneram pela infamia; a critica não é a calumnia.

«Só pode sympathisar com Lopez o que nasceu para as galés perpetuas, ou o que se irrita contra toda a sorte de virtudes.

«Só é dado aos Neros o cantar e rir durante o incendio de Roma.

«Creia que o lamenta o brasileiro

Porto-Alegre.»

Contra as verdades enunciciadas n'esta carta, eis que pugna o *nobre* redactor com todo o vigor de suas forças, julga-se bastante offendido em o seu pundonor, e impõe a um caracter independente, e á toda prova illibado, que retire o que dissera, ou então que lhe conceda tractar principalmente de dous dos seus trechos com as considerações, que lhe suggerirem e vierem a proposito, mandando os publicar.

A resposta do nosso consul fôra por demais cathorica e decisiva.

No terreno da verdade, eil-o que firmado, não recua, firme na estacada assume toda a responsabilidade, e firmemente sustenta não poder retirar o que dissera a respeito dos moedeiros falsos, que a verdade não era d'elle e sim dos factos; e d'ella não tinha receio.

Portanto que os dous pontos principaes d'aquella carta são veridicos, ninguem poderá negar, porque provar ao fulgor de toda evidencia que o *Porto, cidade de Portugal, é como diz mui terminantemente o nosso consul geral, o ponto de reunião de grupos de falsarios, ladrões*

da fortuna publica do Brasil, e que quem sympathisava com Lopez somente tinha nascido para as galés perpetuas, ou aquelle que se irritava contra toda a sorte de virtudes, querendo d'este modo ser ladrão tambem das glorias do Brasil, é a cousa mais facil de execução, os factos pullulam, e é quanto basta.

Começa o nobre redactor o seu opusculo pretendendo demonstrar por meio de factos, que nem trazem em si o cunho da verosimilhança, que os verdadeiros ladrões da fortuna publica do Brasil estão aqui mesmos, fabricando-lhes notas atraz das costas.

Funda se em apresentar de treze annos para cá deligencias feitas pela policia secreta do Brasil em Portugal, encarregada do descobrimento da moeda falsa, não resultando d'estas deligencias sinão a condemnação de um reu, e este mesmo sendo cumplice com agentes policiaes do mesmo consulado.

Proh! pudor. E' preciso que o cinismo tenha já invadido o homem *a capite ad calcem* para dizer-se cousa tão repulsiva!!

E' preciso que se renegue os fóros de christão para asseverar-se em publico que o governo do Brasil incumbe aos seus funcionarios em Portugal para perderem a pais de familia, e a homens menos favorecidos da fortuna, ou que o caracter dos proprios funcionarios procure estes meios para a fraude, e para locupletarem-se!....

E agora perguntaremos nós.—O facto de uma só condemnação importa que a moeda falsa se lavre em pequena escala em Portugal?

Por tanto que ahí n'este paiz se fabrica moeda falsa é uma verdade, tão clara e transparente como a luz meridiana.

Vamos adiante: José Bettamio, o ex-consul do Brasil n'aquelle reino, é justamente quem é mais enxovalhado em seus brios n'este opusculo quanto a deligencias especulativas de notas falsas,

Agora porem rompa-se o veu ás tristes misérias do passado, e o presente admire estremecido o que a ambição do ouro e a fome das riquezas podem engendrar em espiritos mesquinhos.

Rasgue-se a sombria e espessa gaze da impostura, e na téla da discussão apparecam os factos núa e descarnadamente, e assim se dará mais um passo para a regeneração da humanidade.

Elles não mentem, fallam bem alto, convencem, e o que mais é, persuadem.

Vão saber agora os brasileiros quaes são os moedeiros falsos, si elles, si os portuguezes.

Para isso havemos de lançar um rapido olhar de olhos pelas principaes praças commerciaes do nosso imperio, e maximé para a da

Bahia, onde residimos e estamos, e por tanto melhor tambem sabemos dos factos. Individualise se como fez o nobre redactor, e quem não temer, pouco ou nada se importará.

Vamos, porem, já longo n'este artigo, e receiamos não poder comportar as poucas paginas, que nos são reservadas, ficando para o numero seguinte a demonstração seguinte:

Si é o brasileiro quem tem por indole fabricar moeda falsa, si o portuguez, e começaremos pela analyse da nossa praça commercial.

Mario.

A PEDIDO

—Poderá uma authoridade mandar ir á sua presença qualquer pessoa para insultal-a e provocal-a?

—Nem no caracter de authoridade nem no de particular.

—Pois eu conheço um subdelegado que mandou chamar um individuo á sua presença por seu ordenança.

—Só isso é um abuso.

—E quando apanhou-o dentro de sua casa chamou-o de negro, rei de policia, capoeira, ameaçou o e prometteu-lhe de dar-lhe a resposta.

Perguntando-lhe o insultado o que lhe poderia fazer, si o queria recrutar; respondeu que recrutar não, porem que procuraria motivo para mettel-o na cadeia.

—Que subdelegado das carepas! Quem é esse regulosinho?

—Não lhe digo, porque mora na rua onde passo todo dia e não quero soffrer o mesmo.

—Sr. Tobias, Vm. apresenta-se na janella como si estivesse n'alguma roça comendo mangabas!

Por poucas que não anda como Adão no paraíso!

Mais acatamento. Veja que o *Pê de Cruzes* não é logar onde se possa andar tão livremente.

Sinão..... sinão.....

Pergunta innocente.

Pergunta-se aos Illms. Srs. Drs. chefe de policia e promotor publico si o muito honrado escrivão das Cinco Badaladas mandando receber do mestre caldeireiro da fundição do *Segura Parede* 9\$ rs. por quatro termos e uma certidão; sendo um termo de recebimento, outro de conclusão, outro de publicação e outro de remessa para o jury e intimação para este, o que tudo deve importar

em 1\$900 rs., conforme o regulamento de custas e não em 9\$ rs. como recebeu, pergunta-se si o serventuário publico que assim pratica está ou não sujeito ás penas do art. 183, segunda parte do mesmo regulamento, e tambem ás do art 129 § 2º do Cod. Crim.; assim como si é ou não crime publico; por que á não ser, deve o referido escrivão continuar, visto não ser este o primeiro caso e necessariamente deve achar-se com gana de dinheiro.

—Capitão, V. Ex. não é de parecer que se dê a Cezar o que é de Cezar?

—Sem duvida. Mas a que vem isto?

—Como tenho inteira convicção que V. Ex. prodigalisa justiça a quem a merece, por isso peço-lhe o obsequio de publicar estas linhas que so teem em mira manifestar um sincero agradecimento ao Exm. presidente da camara municipal José de Barros Reis pela recondução do zeloso e honrado e fiscal na freguezia de Sant'Anna o incansavel Sr. Paderne, a quem tambem cabe a gratidão o fazer transcrever o seguinte á pedido de diversos parochianos da freguezia de Santa Anna.

«O Sr. fiscal Luiz Alvares Paderne em exercicio na freguezia de Sant'Anna, continúa a regular o serviço do fornecimento d'agoa na Fonte Nova, de maneira que não seja o quadro da fonte invadido por pessoas que vendem agoa em animaes, impedindo o fornecimento do uzo particular do povo. Paço da municipalidade da Bahia 8 de fevereiro de 1871.—José de Barros Reis, P.—Ferreira, S.

—Na quinta-feira á noite quasi que um dos caixeiros da bomba-macha ia sendo devorado pelo onça que assotia.

—De veras?

—E' exactissimo. Houve grande alarido na companhia.

—Tambem não sei como os gerentes consentem um bicho feroz no meio das creaturas.

—E' verdade. Si não fosse a agilidade e destreza do Leoncio, hoje contaríamos um homem de menos.

VARIÉDADES.

● pudor publico.

Um pai de familia leva sua mulher e suas filhas ao theatro, esperando dar-lhes uma noite, não mais de escola moral, isso quasi acabou de todo, mas de suave entretenimento.

Está o bom ancião muito contente do prazer dos meninos; quando na scena o actor provoca as risadas do publico com um dito

indecente, ambiguo e com indecorosa mimica; ou certas actrizes aproveitam o ensejo para attrahir attentões lascivas com requiebros, gestos e *exposições* libidinosas.

O pobre pai confundido desvia das filhas os olhos para não encontrar os dellas...

Os mancebões olham fixamente as donzellas para ver a impressão que produz nellas o escandalo.

As jovens honestas, inexpertas e expertas, deduzem das risadas e dos applausos que os homens gostam do que o recato e a pureza condemnam.

E por pouco que uma donzella, uma menina frequente taes theatros, sem duvida que pode ainda, e apesar delles, conservar-se pudica e recatada; mas innocente, não.

* * *

Quereis ver o que sahe da boceta de Pandora da immoralidade, e da corrupção que contaminam a sociedade?...

Um padre dansando o fado;

Uma senhora casada, e principalmente se é mãe de filhas, prestando-se a galanteios;

Uma directora de collegio de meninas com desvanecimento de bella e sentimental;

Uma escrava de mais de doze annos de idade, incumbida do serviço e dormindo á porta do quarto de sua senhora moça ainda solteira;

Uma escrava levando diariamente as meninas, suas senhoras-moças, para o collegio e delle trazendo-as para casa;

Um pai de familia ostentando publica e escandalosa vida de adulterio;

Um marido que mal ganha para comprar o pão quotidiano, levando a mulher ac baile coberta de brilhantes.

Os ganchos.

Muitas são as especies de ganchos que ha pelo mundo; algumas pessoas porém lhes dão uma interpretação alheia, porque entendem que gancho é tudo aquillo em que se pendura qualquer objecto, ou tudo aquillo que pucha ou arrasta; neste caso poderíamos sem o temor de errar chamar gancho a um prego. que fincado em uma parede ou porta nelle se penduram diversos objectos.

Tambem poderíamos chamar gancho as mãos de muita gente e de muitos thesoureiros que arrastam e pucham o dinheiro até o porto de suas algibeiras.

Chamam tambem gancho as varas com que se colhem os fructos e as varinhas com que se tiram as gaiolas.

Outros querem que sejam tambem ganchos os anzões, os croques, os bicheiros, etc.; mas si estes já teem seus nomes proprios para

que confundirmos com ganchos? Tambem não achamos acertada a denominação de gancho ás divisas dos forrieis e dos primeiros e segundos sargentos; mais acertada nos parece a ideia de gancho, o concerto ou obra pequena feita pelos diversos officiaes de officio, ás escondidas do mestre, e quasi sempre effectuadas nas horas de descanso, porque como sua conclusão é o arrastamento da paga, pode-se conceder a isto o nome de gancho.

Algumas pessoas tambem asseveram que a morte tem um gancho com que pucha para junto de si as creaturas para lhe poder sentar o bacalhau; este gancho vá na fé dos padrinhos, e permitta Deus que nós tão cedo não tenhamos occasião de ver de perto, si esse instrumento é gancho.

Deixemos porem de parte os ganchinhos de pouca utilidade.

Quatro objectos reconhecemos nós com o verdadeiro titulo de gancho: tres de summo prestimo e um de terrivel usança.

Os ganchos de arame alem de deixar lucro a quem os faz, são de primeira necessidade para as bellas; com elles seguram-se as lindas tranças; prendem-se as champas, aguentam-se os postiços, firmam-se as plumas, organisam-se os toquêtes, concertam-se as flores e capellas, sustentam-se as mantinhas, emfim, por meio dos ganchos, as cabeças das bellas representam o lindo jardim de Flora, ou um paraizo cheio de attractivos.

Os ganchos de ferro em que se atam as rêdes, e tambem os que nos talhos se penduram as carnes, eguaes aos que nas cangalhas conduzem estas da matança para os referidos talhos; estes comquanto não deleitem a vista, são tambem de interesse, tanto a quem os fabrica, como porque apresentam á nossos olhos o objecto que nos alimenta; e aquelles, oh! e quem tiver gosto que avalie o quanto é apreciavel depois do estomago repleto um somno dormido em uma rêde.

Vamos ao quarto gancho: é o instrumento com que os barbaros inglezes roubam as vidas de seus semelhantes, cujas pontas introduzidas pelo lado inferior do queixo apparecem no alto da cabeça.

Estes ganchos são proprios para os brutos bretões. Deus lhes faça muito bom proveito, e a respeito destes ganchos, *libera nos domine*, e por hoje concluimos o negocio dos ganchos até outra occasião, em que apresentaremos a descripção dos objectos de ponta aguda.

Os irmãos Lees, distinctos acrobatas americanos, deixavam boquiabertos com as suas representações, os espectadores do theatro Lyrico.

Uma senhora pergunta a seu filhinho se acha bonito aquellas intrepidas habilidades. --Ah! mamãe, observa a criança, elles fazem aquillo tudo porque a mãe não ralhava com elles quando faziam travessuras.

Um moço trava do braço de um ancião e vac de passeio pela cidade a dentro.

Aqui e ali encontra o moço muitos conhecidos que o cumprimentam.

—O senhor, nota o velho, conhece muita gente.

—Ah! volta o moço, conheço meio mundo.

—Pois si eu fosse o senhor, reflecte o velho, acabava de estudar a geographia.

—E para que?

—Para conhecer a outra metade do mundo e ter todo o conhecimento do globo.

A pintura.

Era em um confissionario.

—Accuso-me, Sr. padre, de pintar o rosto, disse ao confessor uma confessada.

—Mas com que fim faz isto, minha filha?

—E' para parecer mais formosa.

Pôz os oculos o confessor, olhou-a com attenção, e vendo que era mais feia creatura do mundo, disse-lhe com a maior ingenuidade:

—Pois continue, minha filha. continue, porque está ainda muito longe do que deseja.

Pensamentos de um doudo.

Uma mulher infiel é uma locomotiva que desencarrilha.

Uma mulher *coquette* é uma das pragas de Pharaó.

Uma mulher estúpida é a maior calamidade do marido.

Uma mulher vaidosa é o martyrio dos adoradores.

A mulher é um manjar digno dos deuses quando o não tempera o diabo.

A mulher é, finalmente, um bocado cheio de espinhosa, infeliz d'aquelle que o engole.

ANNUNCIOS.

Vende-se a venda aos Dendezeiros, fim da Calçada do Bomfim: quem pretender dirija-se ao mesmo lugar que achará com quem tractar.

Luiz de Oliveira Vasconcellos, participa aos seus numerosos freguezes, que mudou sua loja de calçado e charutos á rua Direita da Misericordia, n.º 17, para a mesma rua, loja n.º 13, defronte da Capella de S. Antonio.